



Expediente

Editor

Amaral Cavalcante

Produção

Cândida Oliveira

Design Gráfico

Carol Patriarca
Cícero Guimarães

Revisão

Yuri Gagarin

Coordenador de Pré-impressão

Marcos Nascimento

Gerente Editorial

Jeferson Melo

Colaboradores - Neste Número

Adailton Andrade (pesquisador) • Neu Fontes (colaborador) • Ludovice José (jornalista) • Eliana Borges Melo (curadora) • Raymundo Luiz da Silva (jornalista)
• Gilson Sousa (poeta) • Samuel Albuquerque (historiador) • João Augusto Gama (colaborador) • Gilton Garcia (acadêmico)

Cumbuca

Ano VI | Número 19

cumbuca@segrase.se.gov.br

(79) 3205-7421/7400

Rua Propriá, 227 - Centro

Aracaju - SE

CEP: 49010-020



Governo do Estado de Sergipe

Governador

Belivaldo Chagas Silva

Secretário de Estado de Governo

Elder Sandes Vieira

Secretário de Estado da Comunicação

José Sales Neto



Serviços Gráficos de Sergipe

Diretor-Presidente

Ricardo José Roriz Silva Cruz

Diretor Industrial

Milton Alves

Diretor Administrativo-Financeiro

Marcos Antônio Moura Sales

A Revista Cumbuca não se responsabiliza por conceitos emitidos nas matérias assinadas.

Cumbuca conta com o apoio da Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado de Sergipe.

carta ao leitor

A revista Cumbuca, publicada pelo Governo do Estado de Sergipe através da Segrase - Editora Diário Oficial de Sergipe (EDISE)-, chega ao 19º número abordando fotos essencialmente notáveis da vida sergipana, divulgando a laboriosa produção dos nossos artistas e reverenciando a vida e a obra de sergipanos ilustres que mereçam a imortalidade em nossa memória.

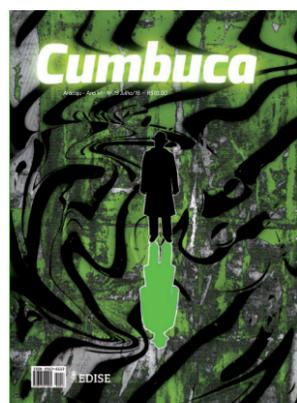
Abre este número um interessante relato assinado pelo pesquisador Adailton Andrade, sobre grandes crimes que abalaram vida interiorana da nossa capital e tiveram grande repercussão popular, num tempo em que a violência urbana ainda não fazia parte do nosso cotidiano de cidadezinha pacata de hábitos singelos e absolutamente interioranos. Aqui, também, o registro da obra pictórica do artista plástico Deolando da Silva num texto de Eliana Borges Melo e um relato sobre a produção do disco "Cajueiro dos Papagaios", lançado em 1985, que se tornou um marco na discografia local, por registrar o trabalho de alguns dos melhores compositores da geração 80, abordado pelo agente cultural Irineu Fontes

O poeta Gilson Souza comparece com uma mostra da sua poesia, enquanto o emérito pesquisador e escritor Ibarê Danta tem o seu último livro, "Leandro Maynard Maciel" devidamente resenhado pelo também escritor e pesquisador Samuel Albuquerque. Estão aqui homenageados os sergipanos Tertuliano Azevedo em texto produzido pelo colaborador João Gama e o Desembargador Dr. Osório de Araújo Ramos, em texto assinado pelo acadêmico Gilton Garcia.

Em matéria absolutamente correta, o jornalista Raymundo Luiz da Silva resalta a importância do extinto jornal Diário de Aracaju para a história das comunicações em Sergipe, detalhando traços do seu pioneirismo e revelando precioso elenco de profissionais que reunia em seus quadros.

Boa leitura

Amaral Cavalcante - Editor



Capa:
Cícero Guimarães

	04	Crimes que Abalaram Aracaju <i>Adailton Andrade</i>		32	Deolando Vieira da Silva <i>Eliana Borges Melo</i>		58	Tertuliano Azevedo <i>João Augusto Gama</i>
	20	O Cajueiro dos Papagaios <i>Neu Fontes</i>		38	O Diário de Aracaju <i>Raymundo Luiz da Silva</i>		64	O Advogado Osório de Araújo Ramos <i>Gilton Garcia</i>
	28	Beto Pezão <i>Luduvise José</i>		52	Sei Muito o Que é a Vida <i>Samuel Albuquerque</i>			



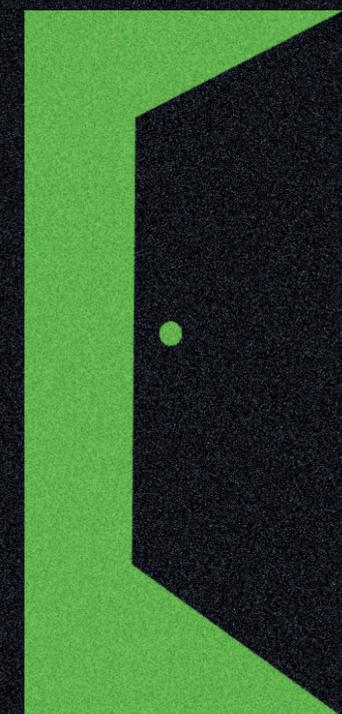
CRIMES QUE ABALARAM ARACAJU

Nos anos de 1950, 60, 80.

por

Adailton

Andrade





Aracaju, a capital sergipana que acaba de completar 163 anos chegou a ser considerada a capital da qualidade de vida; de fato, é uma bela cidade que ainda remonta sua História à antiga capital, São Cristóvão. A Aracaju que vamos recortar aqui é uma Aracaju dos anos 50, 60 e 80, uma cidade de aproximadamente 70 mil habitantes, muito diferente da de hoje, com mais de 600 mil. Naquela época, ainda se via sua arquitetura singela nas faixadas das lojas de secos & molhados e a definição do "Tabuleiro de Pirro".

Diante do quadro de pura beleza para sua época, alguns acontecimentos marcaram negativamente a História da cidade nos anos citados: quatro crimes sacudiram a paz e a tranquilidade do povo aracajuano com grande repercussão nacional. Estamos falando dos casos "La Gonga" e "Veludo", do assassinato do Dr. Carlos Firpo conhecido como "O Crime da Rua de Campos" e o caso do crime no Hotel Casarão, onde foi assassinado o detetive "Saia Justa".

Foram crimes que ainda estão na memória do povo Sergipano e que não foram bem resolvidos. Estes fatos tomaram grandes espaços nos meios de comunicação da capital como nos programas "Informativo Cinzano", do saudoso radialista Silva Lima, e "Calendário de Santos Mendonça". Os Jornais e revistas da época que tinham grande circulação como Jornal Gazeta de Sergipe e a Revista da Associação Sergipana de Imprensa, destinaram grandes espaços a esses fatos.

Dentre os memorialistas, jornalistas, pesquisadores e historiadores que estudaram e escreveram sobre esses crimes, destacamos Murilo Melins, Luiz Eduardo Costa, José de Oliveira Brito Filho, Luiz Antônio Barreto, Odilon Cabral Machado, sociólogo e historiador Milton Barboza, e tantos outros, mas daremos voz aqui, também, às publicações do promotor de Justiça, Vladimir Souza Carvalho, do Drº Luiz Alberto, e do sociólogo e historiador Milton Barboza.

O CRIME

DO DR CARLOS FIRPO

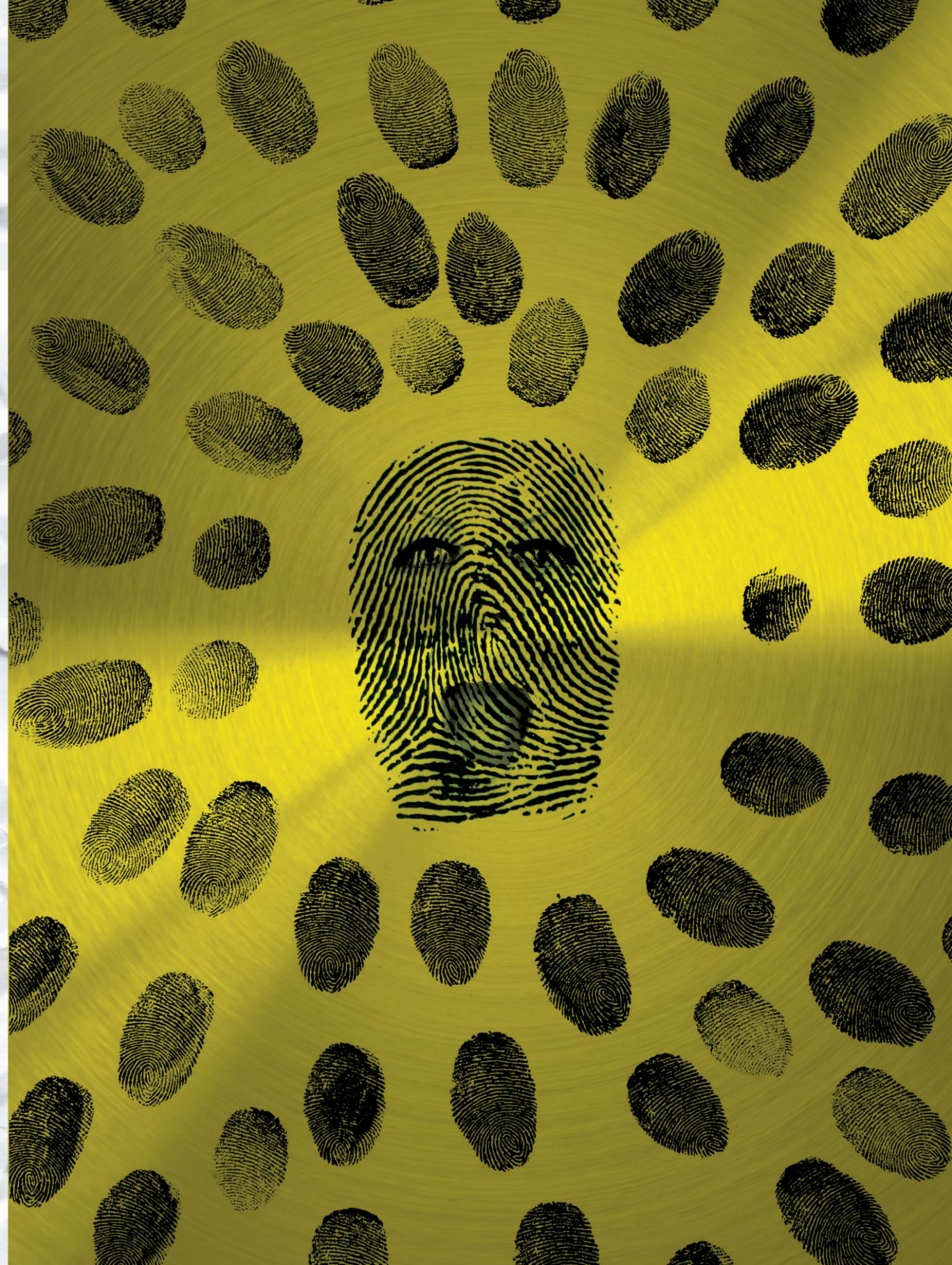
O Crime do Dr. Carlos Firpo aconteceu no dia 29 de abril de 1958 e passou a ser tratado como o crime da Rua de Campos. O médico foi assassinado a facadas em casa, apunhalado enquanto dormia. A dor imensa do instrumento fatal a lhe cortar o coração, a fazê-lo berrar de dor, gritos que muitos dos vizinhos teriam ouvido. Foi nesse clima que a notícia chegou e tomou conhecimento da principal acusação: a do crime ter tido a esposa, Milena Mandarino, dama da mais alta sociedade aracajuana, como mandante, o que nos leva às nuances românticas desse caso: a paixão que a acusada teria por um major da Aeronáutica, o coronel Afonso, a motivar o crime. Os executores do assassinato, Pereirinha e Timóteo, foram presos e um deles eliminado pela própria polícia que nunca deu explicações satisfatórias à sociedade sobre o crime. A viúva terminou presa e hoje, ainda viva, reside em Salvador.

Quando o crime aconteceu, o coronel Afonso integrava a ala da FAB considerada nacionalista, que se defrontava com a oficialidade golpista e lacerdista que patrocinara em 1954 a tentativa de deposição de Getúlio Var-

gas na chamada República do Galeão, e que culminou com o suicídio do presidente. Em maio de 58, Afonso era prestigiado Secretário do Conselho de Segurança Nacional e tinha ligações com o presidente Juscelino, mas, em Sergipe, seu círculo de amizades era quase todo formado por udenistas.

Segundo Luiz Eduardo Costa, Afonso hospedava-se sempre na casa do casal Milena-Carlos Firpo, inclusive quando o médico estava ausente, o que gerava no restrito círculo de amigos alguns comentários maldosos. No casarão da Rua de Campos, onde é hoje a sede da Associação dos Supermercados, também vivia o velho Nicola Madarino, italiano de grandes posses e pai de Milena.

A fascinante Milena era pessoa de hábitos recatados, muito religiosa e frequentadora de missas; daí, quando foi acusada, saíram em sua defesa integrantes do que havia de mais seletos entre o catolicismo local, como as respeitadas irmãs Galvão, dirigentes do Colégio São Salvador. Depoimentos de pessoas que moravam perto da residência do casal, como o do comerciante Antônio Fontes, revelaram certas intimidades, que eram



O Dr. Carlos Firpo



Nicola Mandarino



bem conhecidas pelos vizinhos, entre o coronel Afonso e a esposa do médico. Quando foi assassinado, Carlos Firpo revelara a amigos que seria candidato de qualquer maneira ao cargo de vice-governador, e que se fosse impedido faria terríveis acusações contra alguns políticos sergipanos, próceres udenistas, partido ao qual era filiado.

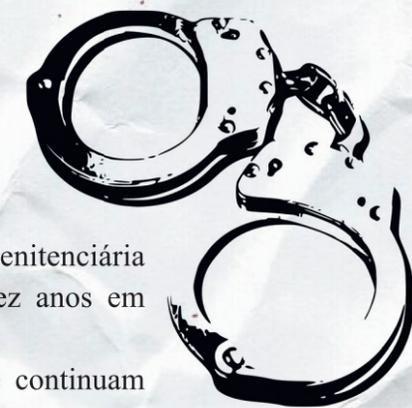
Dois dias após o crime (Carlos Firpo foi esfaqueado enquanto dormia, Milena estava em outro quarto com as filhas), o pistoleiro Timóteo e o funcionário da CHESF, Pereirinha, foram presos em Paulo Afonso (Bahia) e trazidos para Aracaju. Durante um interrogatório ocorrido nos ermos escuros da estrada da Cerâmica, próximo a onde fica hoje o Distrito Industrial, Timóteo foi morto a pancadas pelo agente policial Alemão, notória figura da pistolagem de mando. Milena Mandarino foi presa juntamente com duas empregadas, transitou entre a Penitenciária e a sede do antigo Departamento de Trânsito, onde funciona hoje uma delegacia, nos fundos da Secretaria de Segurança Pública.

Quando os acusados chegaram para depor, no Tribunal entre eles o coronel Afonso ocorreram manifestações populares na rua e houve necessidade da presença das tropas do 28º Batalhão de Caçadores para garantir a segurança. Milena e o coronel Afonso foram impronunciados pelo STF e não chegaram a ir a júri popular. Pereirinha foi condenado a vinte e cinco anos de cadeia

e cumpriu quase todos na Penitenciária de Salvador. Morreu há dez anos em Paulo Afonso.

Os motivos do crime continuam até hoje nebulosos, mas não se levou em conta o desaparecimento de documentos que estariam guardados cuidadosamente pelo Dr. Firpo. Resta saber também se na verdade o comerciante Nicola Mandarino transferira para seu genro, Carlos, os seus bens, antes que houvesse o confisco determinado pela ditadura de Getúlio Vargas, de todas as posses de cidadãos alemães, italianos e japoneses residentes no Brasil. Nicola, acusado de espionagem, foi depois absolvido pelo Tribunal de Segurança Nacional, e morreu na primeira metade dos anos sessenta.

No dia 29 de abril desse ano de 2018 o caso completou 60 anos. O volumoso processo sumiu, faz mais de vinte anos, dos arquivos do Tribunal de Justiça de Sergipe. O ministro Nelson Hungria, em julgamento de Hábeas Corpus do Coronel Aviador Afonso Ferreira Lima, estendido a Milena Mandarino, decretou a liberdade dos dois, no dia 14 de setembro de 1960, reconhecendo que não se podia arrimar um processo judicial “em depoimentos prestados nos desvãos de delegacia policial e não reproduzidos em Juízo, nem declarações de beaguins policiais apontados como assassinos de um dos réus pseudo-confidentes”. Como afirma o dr. Odilon Cabral Machado, fazendo uma leitura das pesquisas do jornalista Eduardo Costa.



O CRIME

LA CONGA

Na década de 60, como eram poucos os casos de violência em Aracaju, o assassinato de um menor chocou a população aracajuana. Estamos falando do caso La Conga, como ficou conhecido o crime que chocou a população de Aracaju no ano de 1961.

A Revista da Associação Sergipana de Imprensa nº 06/1961, como também o jornal *Gazeta de Sergipe* de 17 a 19 de julho de 1961, já noticiavam com muitos detalhes a repercussão do assassinato ocorrido no dia 1º de maio de 1961. Em manchete de primeira página dessas publicações o assunto teve bastante repercussão, causando grande comoção: um assassinato de forma brutal cometido com uma criança aumentava ainda mais a comoção popular. Antônio F. de Macedo, (Ex-Cabo do Corpo de Bombeiros e sapateiro) conhecido por “La Conga”, com a ajuda de sua companheira, Edite M. de Jesus, assassinou o menor Carlos Werneck e enterrou o corpo em um areal nas proximidades do atual Instituto de Educação Rui Barbosa no Bairro Siqueira Campos. Segundo os Jornais da época, o crime foi motivado por desentendimentos entre Antônio F. de Macedo (La Conga) e o pai de Carlos Wernek.

O corpo foi achado em adiantado estado de putrefação por pessoas que retiravam areia do local. Ao se depararem com o mesmo, procuraram as autoridades policiais. A Polícia e o Corpo de Bombeiros do Município procederam a retirada do corpo e chegaram a conclusão de que se tratava do menor Carlos Werneck. Segundo relatos, La Conga e sua companheira atraíram o menor para o quintal de sua residência, na Rua Santa Catarina, Bairro Siqueira Campos, lá taparam a boca do menor, deram uma cacetada e logo após o estrangularam.

Sobre esse crime do La Conga quem escreveu com muita propriedade e riqueza de detalhes foi o promotor de Justiça Luiz Alberto M. Araújo, em artigo dividido em 7 partes sob o título de “O crime de La Conga e de Judite”.

Tudo isso aconteceu no feriado de 1º de maio no ano de 1961, uma segunda-feira, feriado do Dia Internacional do Trabalhador. A simples e calma cidade de Aracaju acordava com essa manchete. No período da manhã tinha ocorrido a realização de dois torneios de futebol amador, uma corrida de pedestres e outra de ciclismo. Às dez horas daquele dia, o Centro Operário Sergipano, em comemoração aos



La Conga e sua
esposa Edite
Maria de Jesus



seus cinquenta anos, recepcionou em sua sede autoridades e membros da imprensa com um coquetel, durante o qual fizeram uso da palavra o seu presidente, José Nunes da Silva, José Francisco de Souza Lima, Presidente da Federação dos Trabalhadores; o radialista Nelson Souza, em nome do Prefeito de Aracaju, José Conrado de Araújo; o jornalista e promotor de Justiça, João Marques Guimarães, o Bel. Junot Silveira e o governador do Estado, Luiz Garcia.

No interior de sua residência, Rua Santa Catarina, nº 171, no Bairro Siqueira Campos, antigo Aribé, após ter descansado do almoço, o Sr. Werneck Aguiar de Souza, funcionário do Departamento Nacional de Estradas e Rodagens (DNER), folheava o jornal à procura da programação dos cinemas. Tendo decidido ir assistir ao filme em exibição no cinema Rio Branco, o Sr. Werneck concitou a esposa, Maria Neuza de Souza, a apressar-se, fazendo as recomendações caseiras à empregada, Maria, e aos filhos Carlinhos e Carminha, que ficariam em casa.

As pessoas que gozavam o feriado do trabalhador percorrendo as ruas de Santa Catarina, Pernambuco, Paraná ou Goiás, no Bairro Siqueira Campos, pouco se incomodavam com aquele grupo de crianças que, como bando de papagaios, tagarelava incessantemente, percorrendo os terrenos baldios e os fundos dos quintais. Ali estavam Carlinhos Werneck, Gilberto, Letinho, Salvador e outras crianças, entretidos com a missão que haviam escolhido para aquela tarde. A caçada era por demais empolgante, rãs e lagartixas que se cuidassem, a turma estava disposta a aprisioná-las.

Apesar de entretido com a brincadeira, Carlinhos sabia que se fosse apanhado naquela tarde nos fundos dos quintais, era surra certa. Seu pai, Werneck, antes de ir para a matinê do cinema Rio Branco, acompanhado de sua mãe, recomendara-lhe que aproveitasse a tarde daquele feriado para estudar.

A solução do crime e a condenação dos criminosos foi acompanhada pela população de Aracaju, através de jornais e do rádio que transmitiu o julgamento. Um dos programas de rádio foi o 'Calendário', da Rádio Liberdade, que era apresentado pelo locutor Santos Mendonça. La Conga não era réu primário e foi condenado a 30 anos de reclusão e sua companheira a 21 anos. La Conga faleceu em casa, vítima de um ataque cardíaco no ano de 1976, conforme noticiou o Jornal Gazeta de Sergipe.





José Nunes
(Veludo)

Fachada do Restaurante
Veludo na Praia de Atalaia

O CRIME DE VELUDO

Esse crime aconteceu no dia 28 de janeiro de 1981; o comerciante José Nunes, mais conhecido por Veludo, foi assassinado com 30 tiros de revólveres 38 e um rifle 22, quando se preparava para fechar o seu estabelecimento comercial. Ele era proprietário do famoso “Restaurante Veludo” na Praia de Atalaia. Segundo testemunhas, foram 03 os criminosos que praticaram este crime. Um deles chegou, momentos antes do crime, a entrar no Restaurante para comprar cigarros e logo após, os outros assassinos entraram no estabelecimento e acharam Veludo no escritório. Veludo, mesmo atingido, conseguiu sair do Restaurante em direção à sua casa, mas os assassinos o seguiram e efetuaram mais disparos. Veludo chegou a ser levado ao Hospital das Clínicas Augusto Leite (Hospital Cirurgia), mas chegou sem vida. Meses antes do acontecido, Veludo tinha passado 40 dias na UTI do Hospital das Clínicas em decorrência de uma explosão de botijões de gás que também vitimou sua esposa, que não resistiu aos ferimentos e faleceu. Segundo Renan Tavares, delegado à época do crime, Veludo foi assassinado por vingança. Tempos depois, através das investigações, descobriu-se que o mandante fora um fazendeiro e o crime tinha sido causado por disputa de terras situadas no Povoado Sapé, em Itaporanga D’ Ajuda. Os pistoleiros que foram presos receberam a quantia de CR\$ 150.000,00 pelo serviço. Como fonte de pesquisa consultamos os jornais de época digitalizados do IHGSE, como também uma compilação das manchetes de época pelo historiador José de Oliveira B. Filho, que tem feito um belo trabalho de recortes dos fatos importantes que acontecem em Aracaju. Outras fontes foram consultadas, como os arquivos dos jornais digitalizados em especial o Jornal Gazeta de Sergipe.

O CRIME DO HOTEL CASARÃO



O crime ocorrido no Hotel Casarão, no centro de Aracaju, na Praça da Rodoviária Velha, também conhecido como o caso do assassinato do detetive “Saia Justa”, ocorreu no dia 03 de abril de 1984 e também comoveu a população aracajuana. José de Aragão Carvalho, 37 anos, era Militar que incorporou tropa em 1966 e como Oficial foi transferido para o quadro da Polícia Civil, como Delegado de Polícia; outro personagem do caso foi o senhor Walter Lopes, 44 anos, Policial Civil desde 1961, também conhecido pelo apelido de «Saia Justa», por vestir roupas apertadas; e o outro elemento era um meliante de codinome Galo Preto, que mais tarde se sabe que portava documentação falsa.

Nos anos de 1984, o povo estava ainda eufórico com a campanha das Diretas Já, o então chamado Movimento de Redemocratização, ou ainda da ‘Volta da Democracia’. Justamente no dia 03 de abril de 1984, ocorreu o crime que veio manchar mais uma vez a história do povo aracajuano: José de Aragão Carvalho e Walter Lopes (Saia Justa) saíram do “Bar do Meio da Rua”, na esquina denominada “Ferro de Engomar”, próximo ao prédio do INSS onde haviam lanchado e seguiram para a Praça da Estação Rodoviária (Terminal Luiz Garcia) para investigar uma denúncia. Em lá chegando, foram alcançados por um informante como aviso de que o suspeito de ter matado o taxista Lindolfo Paixão (52 anos) e roubado o seu veículo na noite anterior, estaria hospedado no Hotel Casarão (Ao lado do Supermercado Bompreço, onde atualmente funciona uma Galeria). Então, eles foram à recepção e perguntaram se havia um homem com as características do procurado pelo crime do taxista. O recepcionista respondeu que tinha, mas se tratava de um motorista de uma empresa de transportes. Então, os investigadores resolveram checar se realmente era o elemento que procuravam, quando, de repente, “Galo Preto” saiu do quarto atirando e acertando a boca de José de Aragão e o coração de “Saia Justa”, que ainda conseguiu acertar três tiros no bandido. Os três envolvidos vieram a óbito.

Antes do cortejo para o sepultamento, com os dois caixões a sair da Sede da Secretaria de Segurança Pública, foi rezada uma Missa Campal na Praça Tobias Barreto que contou com a presença do Governador do Estado (João Alves Filho), de Secretários de Estado e de outras autoridades militares e civis, bem como de centenas de pessoas.

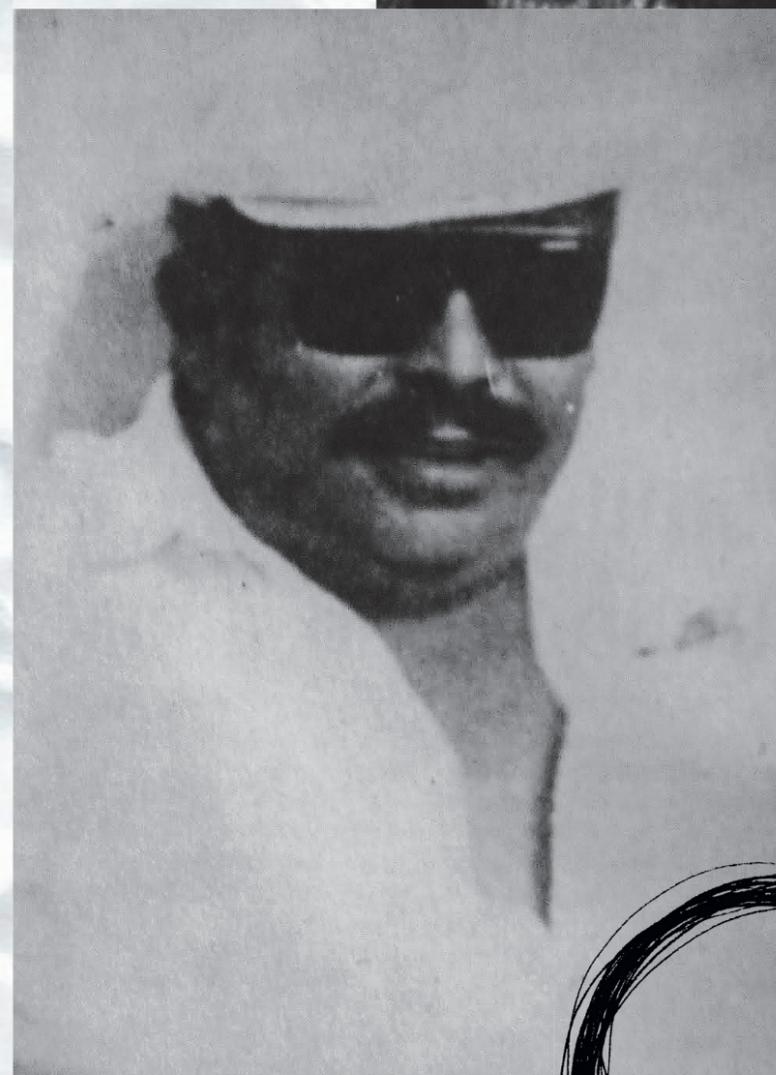
O cortejo seguiu pela Rua Itabaiana, passando em frente ao Quartel Central da Polícia Militar, onde um Pelotão o aguardava para honras militares, e prosseguiu pela Rua Itabaianinha até o Cemitério Santa Isabel, onde o corpo do Tenente Aragão foi sepultado. Um pelotão composto por 26 soldados deu uma salva de 78 tiros em homenagem aos heróis. Logo após, o cortejo seguiu com o corpo de Walter Lopes até o Cemitério da Cruz Vermelha (Cambuís), onde ocorreu o sepultamento. O taxista Lindolfo Paixão foi sepultado no mesmo dia, no Cemitério São João Batista. **■**



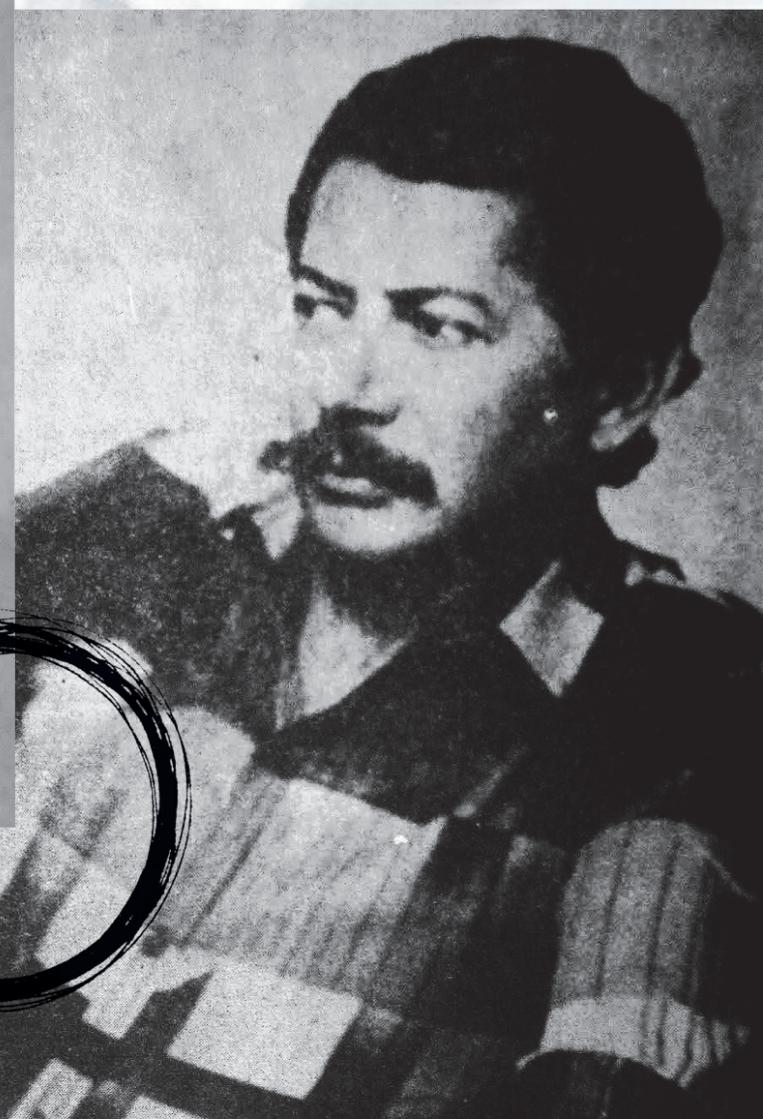
O local do crime:
Hotel Casarão



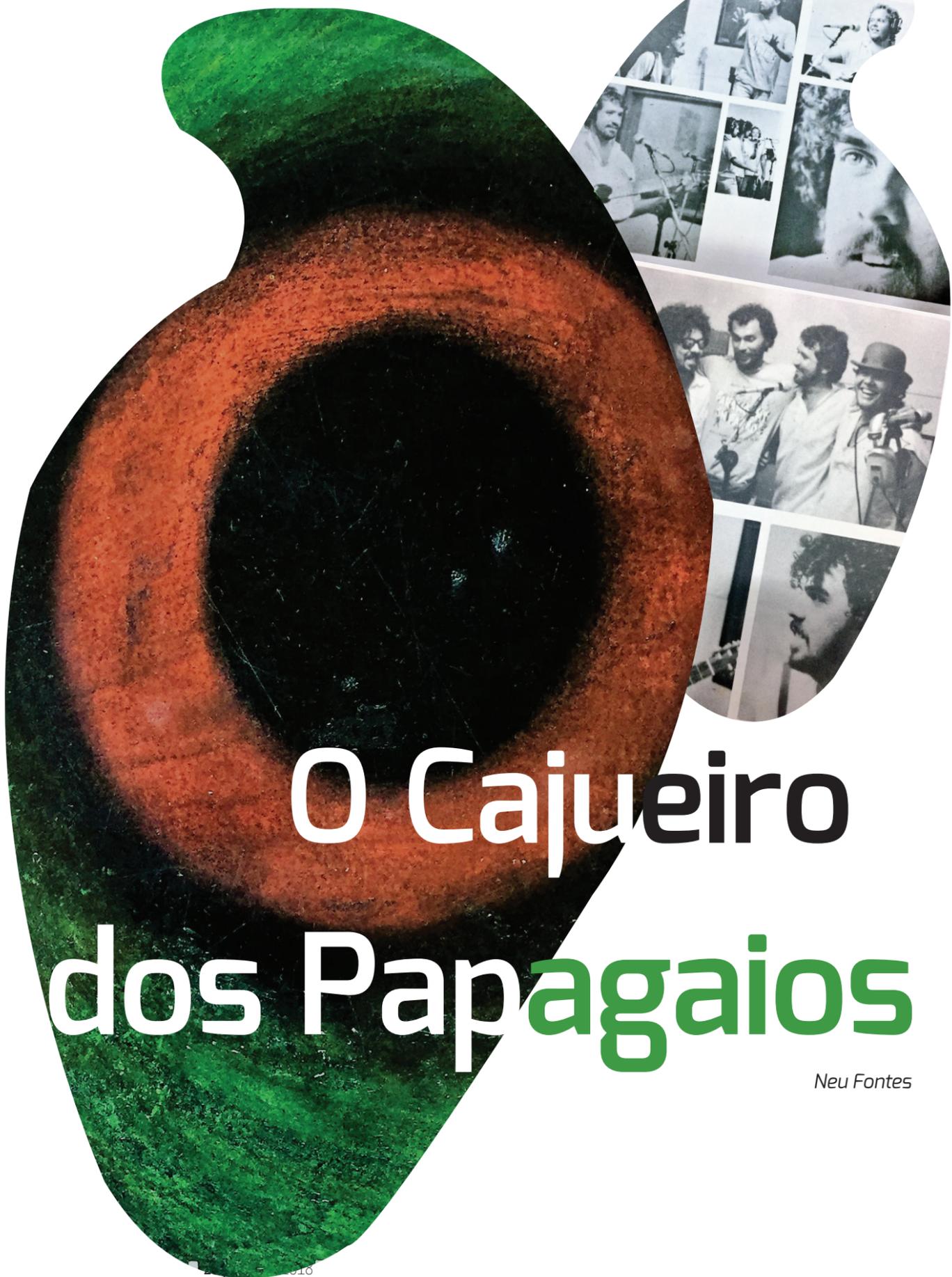
Tenente Aragão



Walter Lopes (Saia Justa)



Fotos: arquivo do autor



O Cajueiro dos Papagaios

Neu Fontes

Ao completar 57 anos no dia 30 de abril, ganhei de presente das minhas mulheres, Dona Cassia, esposa, Erica, Tatiana, Tássia, filhas e a neta Hellen dois presentes que adorei, um aparelho *Sonata* que toca Lp's, Cd's e Mp3 além de gravar em Pendrive, uma maravilha, pois tenho guardado algumas centenas de Lp's de diversos artistas e gêneros musicais, inclusive os meus que gravei durante a minha vida artística, tanto como cantor, como produtor, e uma caixa *JBL*, pois elas sabem que gosto de ouvir em som de qualidade.

O primeiro LP que peguei para escutar foi o Cajueiro dos Papagaios de 1985. O primeiro a gente nunca esquece, e foi muito especial o disco Cajueiro dos Papagaios que além de participar cantando junto com Paulo Lobo e Lula Ribeiro, me deu a oportunidade de aprender a trabalhar em estúdio, pois passei mais de uma semana dentro do estúdio "Somax" em Recife, trabalhando com profissionais de muita qualidade e experiência como o maestro Tovinho, o Antônio Mariano, músico pernambucano, arranjador, técnico e produtor de primeira qualidade, músicos que ficaram amigos, professores e colegas em outros trabalhos realizados por mim em Recife.

Tudo começa ainda no ano de 1984, quando alguns artistas se juntam e criam um projeto chamado "Pro-Disco", criado por Alcides Melo, os nomes envolvidos além do Alcides Melo estavam Aiton Cardoso, Irmão e Tonho Baixinho, o recém-criado grupo Cataluzes, Paulo Lobo, o José Américo (Sucupira) e o Luiz Eduardo Oliva.

Como temia, o projeto não foi a frente mas resultou em dois outros, a gravação do primeiro disco do grupo Cataluzes "Viajem Cigana" e o projeto coletivo do disco "Cajueiro dos Papagaios", o primeiro capitaneado pelo Luiz Eduardo Oliva e a Siomara Madureira e o segundo por mim, José Américo Leite (Sucupira) e Lula Ribeiro, convidamos o Paulo Lobo para participar e logo no início da produção recebemos o apoio do Luciano Nascimento, apoio esse que virou o patrocínio e que viabilizou a realização do projeto sendo o primeiro projeto financiado totalmente pela iniciativa privada, a empresa era a "Cocil Dados" uma das primeiras empresas de informática do Estado.

Trabalhamos na construção do disco e ficou acertado que cada um dos artistas envolvidos gravaria três canções e faríamos uma homenagem ao artista que era para os três, referência, esse artista era o Alcides Melo e a música seria 'Bolero Parabelo'.

Acompanhado de longe observava a movimentação e torcendo para que todos os envolvidos chegassem a um denominador comum, pois a pouco tempo atrás tínhamos participado de um outro momento na tentativa de criação da Coopermusica e não tínhamos realizado, pois não conseguimos chegar a esse tão almejado denominador comum. Quem sabe outro dia possa passar a minha visão sobre isso.



Centro de Aracaju nos anos 70
Foto: Blog Aracaju Saudade

Alcides Melo, que já morava em Minas Gerais, pode ser considerado o precursor da sergipanidade pois naquela época já tinha uma grande preocupação com as formas e ritmos da nossa cultura e sua música revelava isso. Logo cedo, aos 15 anos, já participava de musicais de protesto do movimento estudantil, interpretando músicas de Juca Chaves e Ari Toledo, nos anos 60.

Alcides era um dos compositores sergipanos mais influentes de sua geração, liderou movimentos de emancipação de música, como a criação da Coletiva de Música de Sergipe; a organização da Primeira Reunião de Gente de Música do Nordeste, na Paraíba; a fundação do Movimento Pró-Cooperativa de Música de Sergipe; e a idealização do Projeto Pró. Fez dois grandes shows em Aracaju nos anos 80: “Eletrozabumbada” e “Mamageroma”. Ele ganhou, nos anos 70 e 80, os dois mais importantes festivais de música do Estado de Sergipe: o Primeiro Festival Estudantil de Música, em 1971, com a música “Retirantes”; e o Primeiro Festival Sergipano de Música, em 1981, com a música “Mercado Thales Ferraz”.

Para o Cajueiro escolhi três canções em parceria: “Gênese”, com o Alex Pinheiro (a nossa terceira composição), “Candura”, com Genival Nunes e Gina Mainard, “Magia”, com o Jorge Lins. O Lula Ribeiro escolheu as Canções: “Faz de

Conta” e “Dom”, músicas dele e do Bobô Cruz, e “Brejeira” com o Jorge Lins. O Paulo Lobo gravou: “Por que você demora tanto”, “Nós dois não tínhamos nada” e “Malha de bali”.

O Cajueiro dos Papagaios foi um marco na música sergipana, o primeiro LP a ser financiado pela iniciativa privada, com três artistas da nova safra da música sergipana, com excelente qualidade sonora e artístico para época. As canções demonstram os momentos que cada compositor e intérprete viviam, todos da mesma geração, com influências diversas, musicais e experiências diferentes. Os mais parecidos eram eu e o Lula, pois éramos colegas desde o primário e participamos juntos dos corais da escola “Sagrado Coração de Jesus”, mas tínhamos uma vivência musical diferente, eu estudara no conservatório de música com o professor João Pires Argolo, e comecei a tocar mais cedo, pois tocava desde os 9 anos de idade e o primeiro a compor e participar de Festival de Música, o Lula por sua vez gostava de cantar e tocar escaleta, um teclado de sopro, é um grande autodidata do violão e que foi ajudado depois pelo professor Henrique Sousa, com seu método “prático, rápido e eficiente”, e que também tive oportunidade de estudar. O Paulinho era o mais velho e mais experiente, além de contar com toda admiração e torcida da classe artística e intelectual da cidade.

NÓS DOIS NÃO TINHAMOS NADA
(Paulo Lobo)

Nós dois não tínhamos nada
E ela era um jeito doce
Como uma canção de amor
Ríamos e já íamos embora
Muito embora nada tenha tido
Entre nós
Ficou aquele olhar
Aquele olhar que
"Só nós dois é que sabemos..."

Que pertencíamos ao gueto
Que frequenta o cio
E apesar de estarmos numa
Das menores capitais do Nordeste
Do Brasil
Não estávamos tão à margem
Do processo cultural
Que se operava naquele momento
No mundo
Pois acabávamos de assistir
O aniversário dos Rolling Stones
Onde a boca vermelha de Mick Jagger
Nos contava
Toda a aventura do sonho
Das últimas duas décadas

Aquele olhar que
"Só nós dois é que sabemos..."

Paulo Lobo - voz e violão
Lala - violão - contra-solo
Tovinho - teclados
Arranjo de base - Paulo Lobo

**POR QUE É QUE VOCÊ
DEMORA TANTO?**
Paulo Lobo

Por que é que você demora tanto?
E eu tento ser imbatível
(Pobre Super Man!)
Até que um dia você vem
Sem que nem porquê
Vem!
E enche o coração de alegria
Mas só um dia!

Por que é que você costuma pouco
Pintar na vida da gente?
Tudo é tão diferente
Sem você estar presente
Vem!
Que eu estou aqui sozinho.

Um bem estar, uma emoção
Felicidade estou aqui
Me toma e me leva inteiro
Pro planeta do prazer
Que às vezes o mundo
É muito duro de roer.

Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Gomes - piston I
Foquinha - piston II
Cabral - trombone
Lala - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - tamborim
Tovinho - agogô
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

MAGIA
(Irineu Fontes e Jorge Lins)

Medo do coração correr
Entre os beijos de amor
Tempo de estrelar noite
E segredos ao luar
Dia de corpo arder
Boca querer paladar
Paixão da natureza
Coito de rio e mar
Deixa viver teu amor
Força de correnteza
Coração, delírio de amor.

Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Lala - violão e guitarra
Jairo Sales - baixo
Wellington - bateria
Arranjos de base - Irineu/Jairo Sales

GÊNESE
(Irineu Fontes e Aiex Pinheiro)

O jorro desta canção
É mais que olhos
Que fazem o limiar
Dos momentos
São as vozes
Que eu ouço só
E aos pedaços
O corpo que eu tento ver
E eu mesmo faço
É o nó desta poesia
No espaço
Meu sangue, minha mão
Revellia
Reviravolta dos ventos
Corte transverso
Corrida ao regresso
Retrocessos
É a voz, é a aflição
Dos imortais
É a gênese.

Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Lala - guitarra
Jairo Sales - baixo
Wellington - bateria
Arranjos de base - Jairo Sales/Maurício Botto

BOLERO PARABELLO
(Alcides Meilo)

Lá vem
O Boiadeiro da fauna zodiacal
Enxotando os animais pros ares
Venha de bolero
Que eu vou de parabello
Venha passar São João no meu fogo
Carnaval no meu pulo
E Natal no meu quintal
Descasque fogo, minha cana de braço
Deus nos cegue se aqui
Mário Jorge, ressuscitar.
Venha de bolero
Que eu vou de parabello.

Irineu Fontes - voz e vocal
Paulo Lobo - voz e vocal
Lula Ribeiro - voz e vocal
Tovinho - teclados
Lala - guitarra
Jairo Sales - baixo
Wellington - bateria
Arranjo de base - Alcides Meilo

Quem nos deram força e muito carinho

Ida e Carlinhos Menezes (ARTE ORNATUS)
Jairo Sales
Luís Teixeira (EMPESCA)
Sales (EMSETUR)
Barbora (EMSETUR)
Félix (EMSETUR)
Jorge Lins
Irineu Lins
Bobô Cruz
Alciosa
Luciano Nascimento (COCIL DADOS)
Nairson Menezes



"Beijo, a bela poesia de Bobô Cruz, Jorge Lins e Alcides Meilo;

Cajueiro dos Papagaios, para exercitar os sonhos por aí...

Paulo Lobo tinha um estilo definido, meio tropicalista, meio bossa novista, com qualidade de letras e melodias trabalhadas numa batida intimista do seu violão. Já o Lula na época do disco buscava um caminho musical, fazia xotes, canções e pop. Depois do Cajueiros, trilha essa linha tropicalista de canções e uma música universal, da mistura do Rio de Janeiro com Aracaju. Bom, eu, sempre misturei, desde os idos do conservatório, tocando clássico e jovem guarda, Vila Lobos e Roberto Carlos, nunca tive uma preocupação de estilo ou linha de trabalho musical, isso não me faz diferente de nada, mais sempre respeitei o que queria, e o que gostava de fazer, então podia ser canções, xotes, baiões, reggae ou outro estilo, se eu gostava estava dentro, o que mais me preocupava era a qualidade musical, sonora e da mensagem passada para quem vai ouvir, pois fazemos músicas para as pessoas.

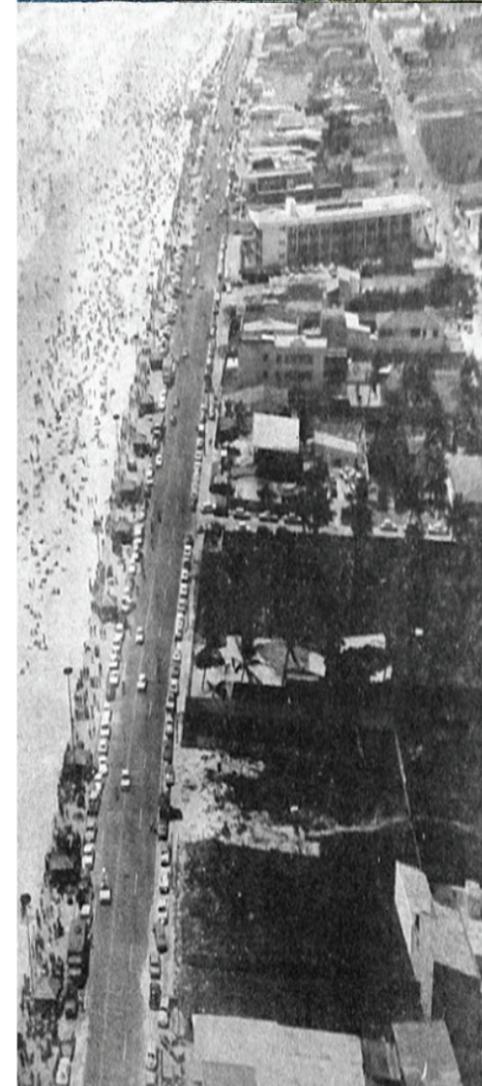
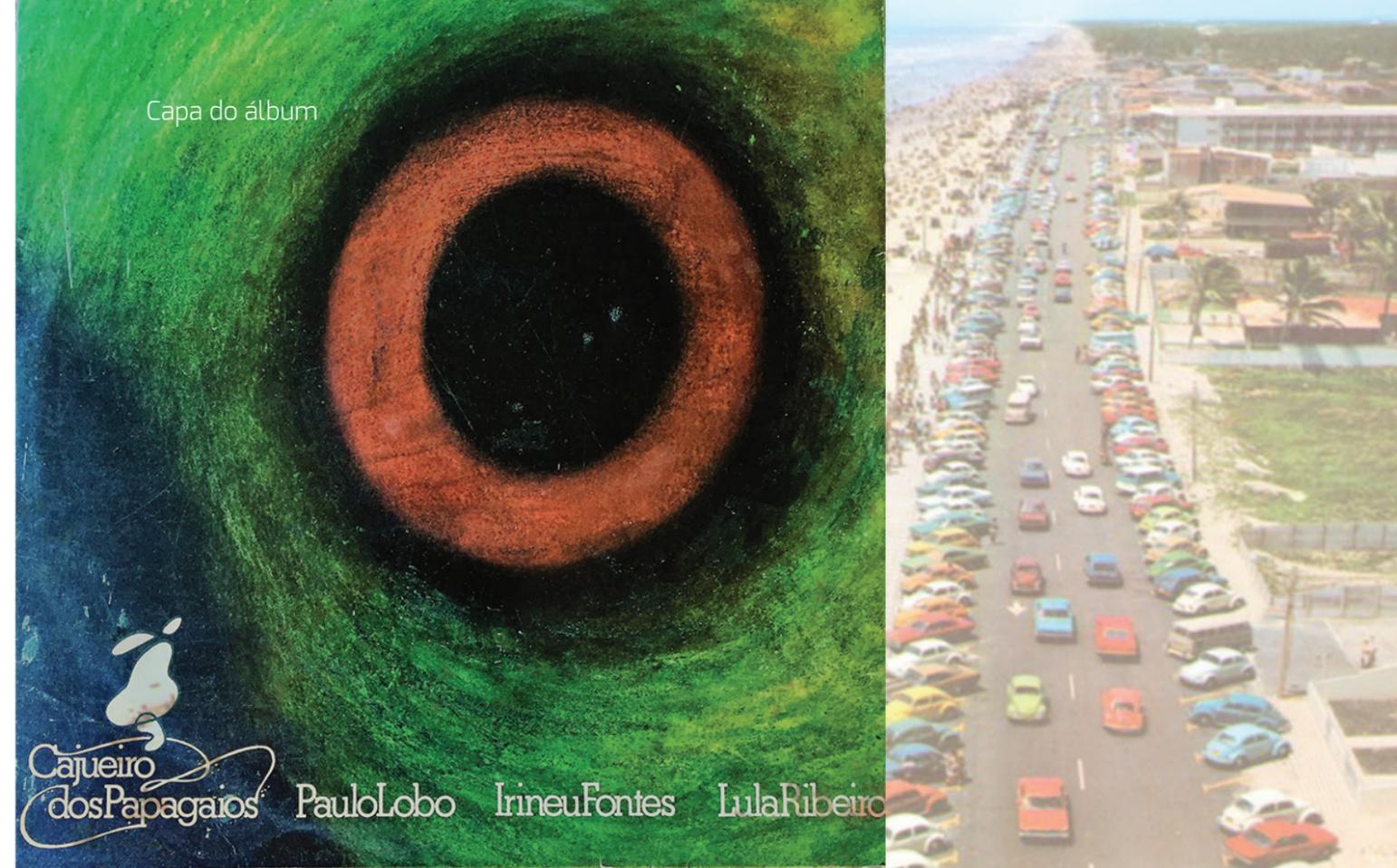
Tenho orgulho do Cajueiro dos Papagaios, de ter participado dessa empreitada, um disco que não foi só de Irineu, Lula e Paulinho, um disco de Sucupira, Luciano Nascimento, Jorge Lins, Alcosa, Lineu Lins, Tovinho, Denys Leão, Genival Nunes, Bobô Cruz, Nailson Menezes, Alcides Melo, Ida Brito, e tantos outros que contribuíram para a sua realização.

Ouvindo o Cajueiro dos Papagaios sinto o cheiro de Aracaju dos anos oitenta, lembro de cada momento, da gravação em Recife, dos lançamentos em Aracaju no centro de turismo e no circo Amoras e Amores, shows com o Lula para Maceió, Rio de Janeiro, Minas, para divulgar o disco.

Trinta e dois anos depois, tenho a certeza que fizemos o melhor, levando em conta a condição técnica, artística e musical, um trabalho primoroso de capa do Alcosa, fotografias de Lineu Lins e Bobo Cruz, com músicas e arranjos modernos e legais que representava cada um dos três artistas envolvidos no trabalho.

O disco Cajueiro dos Papagaios foi uma homenagem a Aracaju e um presente ao público que teve oportunidade de escutá-lo. Um disco que estabeleceu o caminho de cada um dos envolvidos, um trabalho que ficou na história da música sergipana. **C**

Capa do álbum



NAS RUAS DE ARACAJU...
De repente, era uma voz que pintou nos bares de Aracaju, nas rodas de esquina, nas ruas de lua cheia, nas beiras de mar e nos cochilos da TCHURMA Irineu Fontes do ENTRE AMIGOS, Lula Ribeiro do Escalote e Paulo Lobo da Rua de Sinirri. Os três trabalharam comigo composições e teatro no RAIZES e nesse disco, divido duas músicas (uma com o LULA RIBEIRO e outra com o IRINEU FONTES). A Préposta do disco (aí a força do SUCUPIRA, produtor executivo) é uma coisa nova em Aracaju. Afinal, é o primeiro produto fonográfico bancado inteiramente por uma empresa de iniciativa privada (A COCIL DADOS) e com acabamento artístico esmerado. A Novíssima voz de Aracaju vai surpreender muitos e confirmar o talento e a força do canto de Lula, Paulinho e Irineu. Vale ressaltar o trabalho de capa do ALCOSA (compreendeu muito bem a coisa do CAJUEIRO DOS PAPAGAIOS), as fotos de Bobô Cruz e Lineu Lins e os telefonemas do José Luciano. De mais, fé no disco e olho nas paradas que um dia pinta.

JORGE LINS
Aju, janeiro de 1986.

DOM
(Lula Ribeiro e Bobô Cruz)
Tente colher mil estrelas
Sob o cantar este som
Formas e cores
Luz, imagem e tons
Claros caminhos
No seu dom de brilhar
Urge e surge assim
Tal qual o sol o seu ser
Mesmo sendo rei
Desce ao ocaso e dá
Lugar a lua
E seus astros da noite e de sonhos
Dançam embalçam
Olhos de quem vê
Clara evidência
De um viver em paz
Nas consequências do seu ser.

BREJEIRA
(Lula Ribeiro e Jorge Lins)
Sempre te ver assim
Na corrente do riacho d'água
Estrela nova
Querendo desaguar
Minha morena
Luz cheia
Ah! Eu sempre quero
Quero, quero te ganhar
Morena
Sempre, sempre te ganhar
Morena
Quero, quero te ganhar.

MALHA DE BALI
Paulo Lobo
Aiô Baby
Te ligarei
Prá gente ver
O que é que vai fazer
Nesse fim de semana
E por hoje
Tá legal,
Chega de batalhar
Aiô broto
Vou vestir
Minha malha de Bali
Prá sair com você
Por aí
Relaxar inteira
A mente, o corpo
Onde é pura emoção
Pelo ar
E descer
Fundo pela madrugada
Que amanhã
Quem sabe
Nada disso
Faz nenhum
Sentido
E descer
Fundo pela madrugada
Dose do Olimpo
Sagrado porção
Da minha libido.

FAZ DE CONTA
(Lula Ribeiro e Bobô Cruz)
Entre o sol, o céu, o mar
Amor a tudo, o nada além
Ao léu, amar não tem
Gostar de mais alguém, demais
O mar chora na areia,
Sereia, ouzi cantar
Brincar de faz de conta
Nas contas que saem do mar.

CÂNDURA
Irineu Fontes Genival Nunes
e Gina Maneira!
O cheiro da flor
Num gosto de pecado
A luz do sol
Na magia da poesia
Ou no encanto de uma sinfonia
Faz é inocência de uma criança
Roubar do céu estrelas
Prá iluminar nosso voo.

DOM
Lula Ribeiro - voz
Irineu Fontes - vocal
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjos de base - Zezinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base - Jairo Sales

CÂNDURA
Irineu Fontes - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho e Jairo

MALHA DE BALI
Paulo Lobo - voz
Tovinho - teclados
Mongel - baixo
Jair - tamborim
Wellington - bateria
Arranjo de base - Tovinho

FAZ DE CONTA
Lula Ribeiro - voz
Tovinho - teclados
Laila - guitarra
Jairo Sales - baixo
Jair - aguçã
Arranjo de base -

BETO PEZÃO

AMANSANDO A ARGILA BRUTA BETO PEZÃO
CRIA UM ARTESANATO PRIMOROSO E AUTÊNTICO

Ludovice José



Beto Pezão, sergipano, natural do famoso povoado Carrapicho, hoje município de Santana dos Frades, Estado de Sergipe, região Nordeste deste Brasil pródigo em arte, vivenciou com sua gente: familiares, amigos, vizinhos, uma intimidade forte com a argila farta nessa localidade, que ele dedicou-se a descobrir com seu talento como transformar em algo diferente. Mesmo numa terra de artesãos, notabilizou-se com sua criatividade e imprimiu características próprias, construindo uma linha de artesanato especialmente diferenciada que ganhou merecida fama.

Beto Pezão destacou no trato da argila bruta as suas características, prenes de ideias e ideais, dando-lhes vidas com personagens que representam não somente o seu povo com seu jeito, sua cultura, suas tradições. Ele universalizou no artesanato pedaços étnicos que, certamente, serão estudados e dados a conhecer em todo Brasil e exterior, onde Beto Pezão já se mostrou presente através da sua produção prene de ludismo e personalidade. Sua marca, como uma grife cabocla, a exemplo de Pitoca – representando um moleque folgado, desses que são vistos pelas ruas, traquinando e mostrando uma face de vida folgazã.

Mesmo vivendo entre os problemas de um povoado que, hoje, na condição de cidade, ainda guarda nos escaninhos de costumes entranhados, Pitoca é um jovem infante com jeito arteiro, moleque, rueiro e com personalidade de quem apronta como forma de ser diferente, autêntico, como autênticas são as obras do Beto, carregadas de diferenciais que são notados pelos detalhes exclusivos que bem caracterizam um artesão que construiu um nome, uma marca, e que sinaliza com facilidade, o crivo do seu criador.





PEZÃO SINÔNIMO DE BATALHADOR

Muita gente ainda não conseguiu fazer uma analogia do trabalho do Beto e a denominação de Pezão, como se um sobrenome fosse. Eu inquiri o Beto sobre isso certa vez e, compreendendo minha curiosidade sobre o Pezão que lhe dá força ao próprio nome com que assina as obras, disse-me então que o Pezão se incrustou no seu trabalho porque suas figuras estão assentadas em enormes pés que representam a força do trabalho na vida do trabalhador, e este seu personagem, na sua concepção, representa a figura de uma pessoa que precisa andar muito em razão de ser muito trabalhador e necessitar de algumas frentes de trabalho que lhe garantam o sustento num lugar pequeno onde reside, de poucas chances de trabalhos variados e fáceis.

Esta aura de batalhador nos personagens do Beto Pezão tem sido vista e comentada por este Brasil afora e é possível se encontrar certos “pezões” pelo Nordeste como se fosse algo muito natural a imitação. 



DEOLANDO VIEIRA DA SILVA

Elia Borges Melo

Buscamos, cuidadosamente, escolher o adjetivo genial para qualificarmos o artista sergipano Deolando, pintor e escultor, é um grande expoente da arte sergipana, suas obras oportunizam aos que a contemplam momentos de enlevo e reflexão. Em sua iconografia, há predominância de figuras humanas apresentadas de forma estilizada; na pintura, os motivos são variados, mas temas como palhaços e músicos são os mais apreciados. Pesquisador de técnicas para desenvolver a sua arte, utiliza a espátula para executar quase a totalidade de suas pinturas. Comumente usa tinta a óleo e prepara as telas com gesso, cola branca, verniz acrílico e um pouco de areia fina bem temperada.

O artista é natural de Neópolis/SE, onde nasceu em 24 de setembro de 1957, fruto do casal Valdete Vieira da Silva e Antônio Vieira da Silva, autodidata, iniciou seus primeiros trabalhos em esculturas aos doze anos de idade, margeando o rio São Francisco, pegou um pouco de barro de toar (usado para cerâmica) e ao chegar na casa de seus pais, moldou um busto. A partir dos treze anos começou a moldar em barro alguns bustos e algumas esculturas, como Floriano Peixoto, Tiradentes e Marechal Deodoro da Fonseca, este moldado e esculpido em cimento, material que passou a empregar em suas obras.

Fez residência no Rio de Janeiro, onde permaneceu por dez anos, concluindo o ensino fundamental e a faculdade de Ciências Contábeis, oportunidade em que iniciou os primeiros trabalhos em telas e mergulhou no mundo da pintura. Em 1985, retornou a Sergipe onde começou a aprimorar a sua arte, fazendo esculturas que retratavam personagens históricos e confeccionou algumas obras de formas geométricas, como as pirâmides, que fazem parte do seu acervo particular. Em 1988 realizou a sua primeira exposição, na Galeria Portinari, em Aracaju. Após ter pesquisado várias técnicas, uniu em suas obras: expressionismo, surrealismo e cubismo, o que permitiu uma liberdade maior para a criação de seus quadros. Cita como influentes em sua formação artística: Vincent Van Gogh, Paul Cézanne, Monet, Picasso e Salvador Dalí.



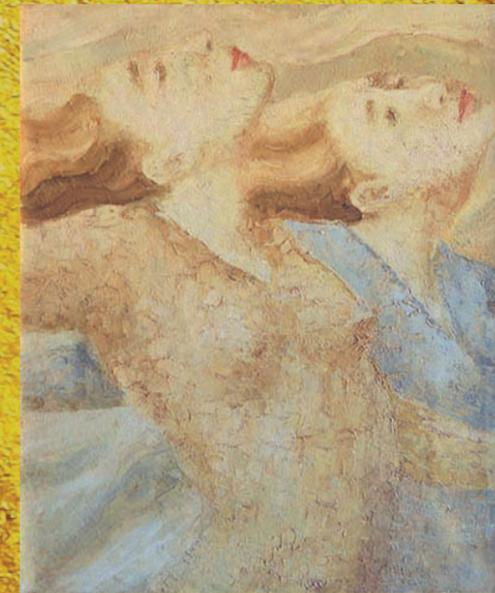
A Pianista



Palhaço e o Violino



Mulheres em Movimento



Sonho de Palhaço



Dançarinos



Instrumentos



Pin tu ras

Todas as fotos
foram cedidas
pelo artista.

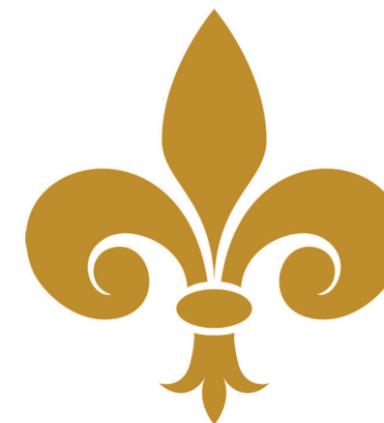
Cada peça de escultura é trabalhada manualmente. Um processo de moldagem e esculpimento efetuados sobre uma estrutura de ferro, tendo como acabamentos impermeabilizantes, para depois serem revestidos com verniz acrílico, misturado com pigmentos. Geralmente seus trabalhos de esculturas são estilizados, a fim de imprimir leveza, movimentação e equilíbrio.

Para a confecção de suas telas são utilizadas espátulas como ferramenta, usando raramente o pincel, obtendo mais textura e vigor com uma variação de tons e semi-tons. Usa como tema central de sua pintura, palhaços que tocam, dançam, correm, sonham e que se amam; bem como também a temática de músicos com um toque estilizado e uma configuração diferente. Abrangendo o clássico contemporâneo. Seus trabalhos buscam um apelo incessante pela emancipação da alma.

Suas esculturas em grandes tamanhos, estão em vários Estados brasileiros. Constam ainda em anuários de vários catálogos de arte. Destacando-se dentre elas: o conjunto composto por sete estátuas representando cinco cangaceiros, o Padre Cícero e Luiz Gonzaga, feitas para o Xingó Parque Hotel, em Canindé de São Francisco, em Sergipe; a imagem de Nossa Senhora da Conceição, para o Seminário Maior, em Aracaju; as esculturas, em tamanho natural, de Zé Peixe, Rosa Faria,

Sargento Zé Bezerra e Lampião, realizadas para o Memorial de Sergipe, em Aracaju; o obelisco “Chapéu de Couro”, para o platô de Neópolis; os monumentos “Tributo ao Conhecimento 1” e “Tributo ao Conhecimento 2”, feitos, respectivamente, para o Campus da Universidade Tiradentes, em Aracaju e para a FITS, em Maceió; o mural em alto relevo (2,00 x 6,00), para a cidade de Maceió e o painel “A Invasão Holandesa” (2,00 x 6,00), para a cidade de Penedo, em Alagoas. Confeccionou para a Universidade Tiradentes, um monumento de sete metros, intitulado “O Papa Francisco”.

Em 1981 recebeu o prêmio de Menção Honrosa, pela escultura “Raízes”, no Festival de Artes de São João de Meriti, no Rio de Janeiro. A partir de 1988, Deolando iniciou uma série de exposições em galerias e em shoppings de várias cidades do país, como Aracaju, Salvador e Cataguases, em Minas Gerais. Tem participado efetivamente de várias exposições e das edições do Corredor Cultural, da Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe.



lando, remete às configurações de natureza eminentemente cubista, com reflexos de formulações figurativas, com esmerada técnica espatulada, singularmente voltada para o fazimento de uma obra configuradamente expressionista. Percebe-se na singularíssima obra de Deolando uns tons maviosamente delicado, como se fosse uma flor de pessegueiro, desabrochando ao som dos mais belos acordes do oboé e de um apaixonado violino cigano. Já o Deolando escultor, perpassa por outras vieses, abordando uma temática nordestina e confecção de figuras relevantes de nosso país, que lhe dá o mérito de um repórter regional, pois suas figuras refletem à nossa história e à historiografia popular nordestina”.

Conscientes da importância da arte para a vida, é que temos o compromisso de divulgar, incentivar e apoiar os vocacionados para exercerem o mister. Assim sendo, os que fazem a cultura e a comunicação em nosso Estado tem um longo caminho a percorrer em função de educar as novas gerações, sensibilizando-os para a valorização da arte e do artista sergipano.

Refletindo sobre a célebre frase de Ferreira Gullar “a arte existe, porque a vida não basta”, é que nos questionamos, “o que seria do mundo sem a arte?”, a arte que lustra, enfeita, adorna e embeleza os templos, os palácios, os logradouros públicos e os nossos lares. **C**

O artista é referenciado em alguns dos principais catálogos de arte de Sergipe, tais como: “I Mostra Energipe de Arte Sergipana – 25 X Sergipe”; “Arte Atual Anuário 2011”, autor Marcos Buarque; “Mostra Brasileira de Arte Contemporânea”, Pinacoteca da Universidade Federal de Sergipe (UFS); “2 Séculos de Artes Visuais em Sergipe”, Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe e, “Um Sentir Sobre as Artes Visuais em Sergipe”, autor Mário Britto.

Em janeiro de 1996 foi laureado com o segundo lugar com o trabalho “Maternidade”, no XI Salão do FASC, em São Cristóvão; e em 1997 ganhou a Medalha de Menção Honrosa, com o trabalho “Meditação”, no mesmo festival, na XII edição do Festival. Em 2007, recebeu uma placa da Universidade Tiradentes, destacando-se como um dos maiores escultores de Sergipe.

Sobre o trabalho do artista, assim se expressou o eloquente e também artista sergipano, Ismael Pereira: “A arte de Deo-



Diário de Aracaju

RAYMUNDO LUIZ DA SILVA

No final dos anos 60, a maior corporação da história da imprensa no Brasil (Diários e Emissoras Associados) chegou a Sergipe. O título *Diário de Aracaju* foi implantado pelos 'Associados', após aquisição do Sergipe Jornal ao seu proprietário, o então deputado federal José Carlos Teixeira.

LOCALIZAÇÃO

O Diário de Aracaju era produzido na Rua da Frente (Avenida Ivo do Prado) próximo da Praça Fausto Cardoso, no térreo de um pequeno prédio de dois pavimentos (onde funcionara a antiga Companhia Telefônica). Nesse pequeno espaço (6,00X25,00m) foram instaladas modernas divisórias modulando quatro setores. Logo após o portão principal ficava a área administrativa, em seguida, a sala da Direção, a sala da Redação e, no final, o setor técnico com as enormes linotipos e as máquinas impressoras. Tudo muito compacto e eficiente.

como "Assis Chateaubriand" ou simplesmente "Chatô", teve uma vida marcante – o irrequieto jornalista de baixa estatura, nascido em Umbuzeiro, na Paraíba, alçou estratos extraordinários. Foi senador da República, embaixador do Brasil na Inglaterra, implantador da TV Tupi, a 1ª TV do país, da revista *O Cruzeiro*, fundador do MASP (Museu de Artes de São Paulo) e dono do maior império jornalístico da América do Sul, o que o levou a ser personagem central do livro *Chatô, o Rei do Brasil*, de Fernando Morais.

RECORDAÇÕES

O *Diário de Aracaju* (fui seu Diretor-Executivo durante alguns anos) me reporta a muitas memórias inesquecíveis do convívio administrativo e jornalístico com companheiros, colegas e amigos especiais (e foram muitos).

Basta lembrar que cada concurso "Miss Sergipe", coordenado no Brasil pelos Diários Associados, e, em nosso Estado, pelo *Diário* absorveria todo o espaço, pois, só o figurinista Pedrinho Rodrigues, que comandava os ensaios dos desfiles das candidatas e desenhava seus trajes de gala, mereceria um livropela competência e *mis em scène*.

ÚLTIMO TENTÁCULO

À época, o Condomínio Diários e Emissoras Associados era o mais poderoso conglomerado de jornais, revistas, emissoras de rádio e TV de todo o Brasil. Possuía 36 veículos de imprensa, e o *Diário de Aracaju* foi a consolidação do seu tentacular poderio em todos os estados do país. Seu fundador, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, mais conhecido



O *Diário de Aracaju* começou e viveu suas mais intensas atividades na fase de maior efervescência dos governos militares. Era governador de Sergipe o Dr. Lourival Baptista, abençoado pelo presidente Castelo Branco e com aval da direção geral dos ‘Associados’.

Infelizmente as atividades do *Diário de Aracaju* coincidiram com os últimos anos de vida de Assis Chateaubriand (1892/1968). Ele já se encontrava paraplégico e o condomínio jornalístico fatiado por regiões.

O *Diário de Aracaju* foi anexado à Direção da Bahia, agrupando-se ao *Diário de Notícias*, à Rádio Sociedade e à TV Itapoan, com sede em Salvador. Periodicamente seus diretores, Odorico Tavares e Paulo Nacife, vinham a Aracaju avaliar o andamento do *Diário de Aracaju*.

LINHA EDITORIAL

A bem da verdade registro que a Direção dos ‘Associados’ nunca determinou preferências políticas ou particulares para a linha editorial do jornal em Sergipe. Estavam sempre interessados em resultados, e os balancetes contábeis, que eram enviados mensalmente por cada integrante do conglomerado, obedeciam a um sistema que permitia absoluto controle da situação geral ao comando do poderoso Condomínio.



A linha editorial do *Diário de Aracaju* era ditada pela própria dinâmica dos fatos e dos acontecimentos. A equipe de jornalistas que produzia o *Diário* era composta por brilhantes colegas, mais interessados no dia a dia do jornal em si do que em preferências políticas ou idealistas. Então o *Diário de Aracaju* seguiu a legenda: “a notícia é a matéria prima da opinião pública” e, portanto, tinha de ser abordada, no mínimo, sobre dois lados a serem expostos.

Tudo muito simples e rotineiro, na base do “O que?”, “Quem?” “Como?” “Quando?”, “Onde”, Por quê?”.

IMPRESSÃO A QUENTE

O *Diário de Aracaju* trouxe uma inovação material para a imprensa em nosso Estado: um alto investimento do sistema de “impressão a quente”. Monstruosas linotipos, máquinas enormes, verdadeiros dragões a expelir vapores do chumbo derretido que borbulhava em bacias de calor infernal. Por um complexo caminho, obedientes a um teclado acionado por um linotipista, as matrizes mergulhavam e iam formando as páginas do Jornal. Com uma impressora automática moderna, o *Diário de Aracaju* ficava pronto num piscar de olhos.

PITORESCO

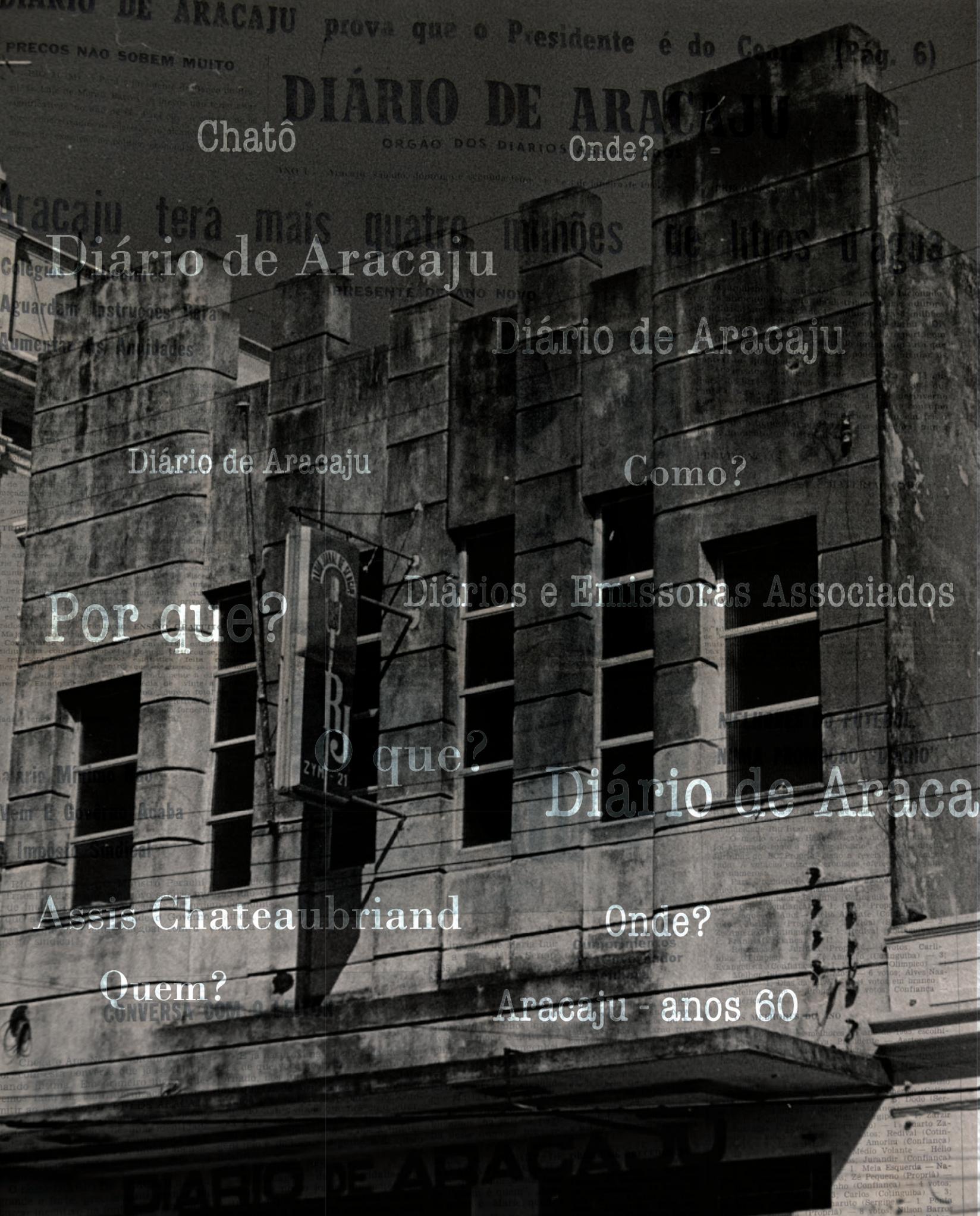
O *Diário de Aracaju*, funcionava com sotaque sergipano, e, sem qualquer coerção do comando central que estava muito mais interessado com os problemas nacionais e a doença de Assis Chateaubriand, não tinha razões para baixar a cabeça para ninguém.

Por exemplo: Certo domingo, à tardinha, depois da sesta, que se seguiu a um almoço com galinha ao molho pardo regada a cervejinha gelada, dei um salto no Jornal para adiantar algumas obrigações de executivo.

Eis que, de repente, entra na minha sala o assessor especial Raimundo Prata do Governador indicado e já confirmado (claro!) pela Assembleia. Colocou o jornal do dia na minha mesa e me disse: “Xará, o Dr. Lourival não gostou desta notícia”.

Como ele entrou sem qualquer saudação, mostrei-lhe uma placa com os seguintes dizeres: “aqui todo mundo dispõe, ninguém impõe”. Aguardei a reação, que chegou logo depois da posse de Dr. Lourival: fui convidado para ser seu secretário particular. Demorei poucos meses no cargo público (mas aí é outra história).

Durante o funcionamento da CGI (Comissão Geral de Investigação), a despeito de todo cuidado para não melindrar os “donos do poder”, num santificado dia 8 de Dezembro de um ano qualquer,



fomos, coercitivamente, levados à Capitânia dos Portos, eu e o editor Luiz Eduardo Costa para justificar (passagem!) que “terrenos de marinha” não são “terrenos da Marinha”, conforme manchete de chamada na 1ª página do *Diário de Aracaju*. De outra feita fui “convidado a explicar” minha presença numa reunião política de alta cúpula (participação de Leandro Maciel, Manoel Conde Sobral, José Rolemberg Leite e Augusto Franco) que, segundo o Comandante Eduardo Pereira, presidente da CGI, acontecera na residência do banqueiro Murilo Dantas. Fiquei três horas de molho na antessala do atarantado Capitão, pois neguei que estivesse na tal reunião. (Quem lá esteve foi o então deputado federal Raimundo Diniz e não o jornalista Raimundo Luiz).

EQUIPE DE ALTO NÍVEL

Costumo dizer que sempre soube me cercar de pessoas melhores do que eu. No *Diário de Aracaju* não seria diferente. Certamente vou esquecer de citar colegas que viveram aqueles bons tempos, mas debitem isso à minha senilidade, pois lá se vão cinquenta anos...

No setor administrativo - Orlando Souza, ao lado de Amaral Cavalcante, José Antônio e de Maurina Santa Bárbara, com as responsabilidades do faturamento, do controle de cobranças, pagamento de comissões, assinaturas, enfim, trabalho de fôlego.

Três figuras de proa eram responsáveis pelo setor comercial: Erotildes Araújo, Nazário Ramos Pimentel e Eden Franklin Rodrigues. Captavam anúncios, propagandas e assinaturas, e deram largos passos para estimular o valor da publicidade como investimento de retorno garantido. Produziram os “Suplementos Especiais”, encartes sobre a indústria, o comércio, bens de serviço, turismo, habitação, educação, agropecuária, enfim, sobre os diversos segmentos produtivos de Sergipe, que renderam bons dividendos para encarar as despesas do *Diário de Aracaju*. Diria que o *Diário de Aracaju* influenciou bastante a dinâmica do mercado publicitário em Sergipe.



A equipe de jornalistas que produzia o "Diário" era composta por brilhantes colegas, mais interessados no dia a dia do jornal em si do que em preferências políticas ou idealistas.

MULTIFACETADO

A produção do jornal diário contou com uma equipe valorosa, competente e entrosada. Nela fulguravam jornalistas como Luiz Eduardo Costa (Editor), João Oliva Alves (editorialista), Hugo Costa (editorialista), e Leó Filho (Chefe de reportagem), a quem competia elaborar a pauta de trabalho para repórteres, como José Brasil (incansável farejador de "furos"), Edjenal Tavares e vários outros.

Coletavam notícias que se tornava material de trabalho para redatores como Osório Ramos Filho, Neuzinha, Jackson Sá Figueiredo, José Carlos Monteiro, Nilo Jaguar e outros de igual quilate.

Theotonio Neto era responsável por uma página diária sobre as atividades da Assembleia Legislativa, contando com o apoio do fotógrafo Natanael Eduardo, enquanto seu colega Luiz Carlos se desdobrava para o registro dos fatos que ilustrariam a primeira página. Enquanto isto, Edjenal Tavares fazia a cobertura diária para a página policial, socado nas entranhas das Delegacias metropolitanas e na sede da Secretaria de Segurança Pública e José Brasil levitava, suando horrores, incansável em busca de informações que, em balbucios pulsantes, eram transmi-

tidos aos redatores. Nos funestos atentados ocorridos em Itabaiana que ceifaram a vida do deputado federal Euclides Paes Mendonça e seu filho, deputado estadual Antônio Mendonça e, anos depois, no assassinato do líder político Manoel Teles, a atuação de nossas equipes de jornalismo realizaram coberturas exemplares.

O *Diário de Aracaju* teve diversos colunistas setorizados, como Tereza Newman, Maria Luiza Cruz, Pedrito Barreto e Paulo Nou direcionados para os eventos da vida em sociedade, numa atuação muito apreciada pelos leitores, enquanto Jorge Araujo, abordava temas específicos sobre agropecuária. Durante anos escrevi, sem assinar, uma coluna chamada "Em tom de conversa".

Na revisão, me vem à mente companheiros como Givaldo Santos, Luiz Edmundo e, no comando da parte gráfica, Paulo Alves de Andrade, coordenando diversos auxiliares para a "arrumação" das páginas e impressão; Geovane, Nehemias e muitos outros, madrugada a dentro, em labuta intensa para logo de manhã cedi-nho o *Diário de Aracaju* estar nas ruas, nas bancas e com os seus assinantes.

PREÇOS NAO SOBEM MUITO

RIO, 31 (M) — Para o presidente do Banco do Brasil, sr. Luiz de Moraes Barros, os preços não terão altas significativas no ano de 66. Para ele, "o começo de 66 verá concretizados os sucessos já alcançados nos 21 meses de execução da política econômica do atual Governo".

DIÁRIO DE ARACAJU

ÓRGÃO DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS

ANO 1 — Aracaju, sábado, domingo e segunda-feira, 1, 2 e 3 de janeiro de 1966 — N. 12 — (PREÇO CR\$ 100)

MUSEU EM OLINDA

RECIFE, 31 (M) — Será inaugurado, a 30 de janeiro, o Museu de Arte Contemporânea, em Olinda. A convite do Governo do Estado, estará presente o jornalista Assis Chateaubriand.

Aracaju terá mais quatro milhões de litros d'água

Colégios Particulares Aguardam Instruções Para Aumentar As Anuidades

O aumento das anuidades escolares ainda não está oficialmente confirmado, mas aguardamos orientação da nossa Confederação que deverá estudar o assunto; contudo, segundo um noticiário carioca, o próprio Governo Federal está estudando um meio de aumento para os colégios particulares.

Afirmou, ainda, que "a campanha contra os Estabelecimentos de Ensino Particular, foi começada muito cedo, pois o órgão representativo da classe está omissa no assunto.

RETROSPECTO

Fazendo um retrospecto de anos anteriores, o professor Valquírio Lima disse que, em 1964, os aumentos das taxas anuais e das matrículas, foram aprovados pelo Ministério de Educação e Cultura. Já em 1965, antes de haver acréscimo das mensalidades estudantis, realizaram-se demorados estudos sob a orientação do Major Joalbo Figueiredo, então Comandante do 28º BC, que presidia uma comissão composta de representantes de diversos sindicatos, desdobrando-se entre eles o dos Diretores e dos Professores do Estado de Sergipe.

1966

Nada temos de concreto —

disse — a respeito do aumento já ventilado para este ano, pois aguardamos a orientação da nossa Confederação que deverá estudar o assunto; contudo, segundo um noticiário carioca, o próprio Governo Federal está estudando um meio de aumento para os colégios particulares.

CORPO DOCENTE

Justificando a vinda do aumento, o professor Valquírio Lima afirmou que o ensino privado em todo o Brasil, para atualmente aos professores uma média de mil e cem cruzeiros, salário este chamado salário-aula, lembrando ainda que o Estado de Sergipe paga a um participante do seu corpo docente a quantia de seiscentos cruzeiros, notando-se ítna diferença de quinhentos cruzeiros por aula do ensino privado.

ENSINO GRATUITO

Em vários estabelecimentos de Ensino, verificou-se, através de estatística feita recentemente, que o ensino privado ministrado gratuitamente a educação a uma média de vinte a trinta por cento sobre o total de suas matrículas efetivas além das bolsas de estudo fornecidas pelo Governo Federal.

Salário Mínimo Não Vem E Governo Acaba O Impôsto Sindical

RIO, 31 (M) — O Ministro Peracchi de Barcelos, do Trabalho disse que um novo salário mínimo não virá, de imediato, pelas implicações de ordem econômica que acarretaria. Pretende o Governo, ainda, de forma exequível e lenta, açambar com a cobrança do impôsto sindical.

CONVERSA COM O LEITOR

Chega o Ano Novo e voltamos ao leitor, com esta conversa que já se vai tornando íntima. Em primeiro lugar, queremos falar de confraternização, transmitir ao leitor do DIÁRIO DE ARACAJU a satisfação desta convivência, o desejo de fortalecer os elos de uma identidade cada vez maior, para nós muito honrosa e válida, pois que, sem ela, nossas mensagens ficariam vazias no espaço, sem eco e sem sentido.

O nosso DIÁRIO DE ARACAJU nasceu grande e forte, precisamente porque foi buscar incentivo na fonte dessa amizade. Cada leitor vai se tornando um amigo, que muitas vezes não vemos, mas presenciamos, tal a validade do seu apóio. E como amigos conversam... conversamos. A edição de hoje não foi modificada por acaso, caro leitor. A supressão, apenas um dia, do noticiário internacional e da seção de notícias de cinema e televisão, foi feita para dar lugar a uma seção de conversas com o leitor. É a mesma receita de imparcialidade que encontrará nos nossos comentários, isentos de personalismos porque acreditamos na sua capacidade de discernimento e na responsabilidade da

PRESENTE DE ANO NOVO



Cumprimentos Ao Governador E Senhora

Previamente às 15 horas de hoje, no Palácio Olímpio Campos, terá lugar a tradicional Recepção de Ano Novo quando o Governador do Estado e Senhora estarão recebendo cumprimentos no Salão Nobre, como acontece todos os anos, nesta data.

O Governador Celso de Carvalho e Senhora estarão recebendo cumprimentos na Casa Civil, Chefes da Casa Militar, Secretário de Imprensa e Secretário Particular, tendo a solenidade, a abrilhantá-la, a Banda de Música da Polícia Militar.

ORDEM DE PRECEDENCIA

Foi organizada a seguinte Ordem de Precedencia para os cumprimentos da tarde de hoje: 1 — Chefes de Po-

O problema da água será em parte solucionado, com o aumento este ano, da distribuição da adutora da Cabrita, que passará de 4 milhões para 8 milhões de litros de água, diariamente, segundo declarou o Diretor do DESO, sr. Luiz Carlos Rezende, à reportagem do "DA", adiantando ser a falta do líquido um fato que se verifica todos os anos, não se podendo calcular os imprevistos que poderão surgir.

O consumo diário da cidade é de cerca de 14 milhões de litros, consumo este acrescido de 38% durante o verão. Por este motivo, na fase de inverno não se sente muito a falta d'água, devido o consumo ser menor, por razões climáticas. Convém frisar que desde a inauguração da rede abastecedora, nunca houve aumento na distribuição.

PROVIDENCIAS

O Diretor do DESO informou que as providências já estão sendo tomadas, devendo num prazo de 15 dias ser Aracaju beneficiada e o maior volume d'água da Cabrita. Se o planejamento custeado no tratamento da água, tendo o Banco Interamericano de Desenvolvimento feito um empréstimo de 1.700 mil dólares, para serem pagos em 20 anos, com os juros de 3% ao ano.

DOAÇÃO

A "Aliança para o Progresso" doou ao DESO a quantia de 3.000.000 de cruzeiros, em material, compreendendo bombas, peças reposicionadoras para as adutoras e serviços, complementares, que irão permitir a duplicar a capacidade de adução da Cabrita.

MATERIAL CARO

O que vem ocasionando o aumento das taxas pagas pelo consumidor, segundo explicou o Diretor do DESO, é o encarecimento do material utilizado no tratamento da água, como sulfato de alumínio, cal, etc.

Para conclusão das obras da Cabrita, o CONDESE entregou a importância de 5 milhões e 800 mil cruzeiros ao DESO, a título de ajuda. Por outro lado, é da ordem de 15 milhões a dívida da repartição, existindo além das dificuldades mencionadas, a próspera de aumento para os funcionários e o da compra de 25.000 hidrômetros, para o que será preciso um investimento de 700 milhões de cruzeiros.

MELHORES DO FUTEBOL, NUMA PROMOÇÃO "DIÁRIO"

Os cronistas sergipanos, numa promoção do DIÁRIO DE ARACAJU, escolheram os melhores do ano, os quais estarão tomando parte no jogo de amanhã, cuja renda total será revertida em benefício do Asilo de Mendicidade Rio Branco.

O médio volante Hélio Abacate, da AD Confiança, foi apontado como o "craque do ano", e o ponta direita Jurinha, do EC Propria, como a revelação da temporada. A votação entre os cronistas, ofereceu os seguintes números:

Para Presidente: Aerton Silva da Fonseca (Confiança) — 12 votos — unanimidade.
Para Treinador: Rubinho (Cotinguiba) — 10 votos; Juan Cely (Confiança) — 1; Galo (Propria) — 1.
Craque do Ano — Hélio Abacate (Confiança) — 4 votos; Jurinha (Propria) — 3; Vidal (Sergipe) — 2; Zé Américo (Cotinguiba) — 1; Redival (Cotinguiba) — 1; Frank (Confiança) — 1.
Revelação — Jurinha (Propria) — 4 votos; Carlinhos (Olimpico) — 3; Zé Américo (Cotinguiba) — 3; Evangelista (Confiança) — 1; Mirobaldo (Olimpico) — 1.
Melhor Juiz — Barreto Mota — 6 votos; Alves Nascimento — 1; Dias da Silva — 1, 4 votos em branco.
Melhor Time — Propria — 8 votos; Confiança — 2; América — 2.

OS MELHORES DO ANO

Eis, portanto, os melhores do ano de 1965, escolhidos pela crônica esportiva: Presidente — Aerton Silva da Fonseca (Confiança); Técnico — Rubinho (Cotinguiba); Craque — Hélio Abacate (Confiança); Revelação — Jurinha (Propria); Juiz — Barreto Mota; Time — Propria.

Goleiro — França (Direito) — 10 votos; Diólio (Sergipe) — 2; Lateral Direito — Zé Américo (Cotinguiba) — 8 votos; Frank (Confiança) — 3; Dodô (Sergipe) — 1; Central — Murilo (Confiança) — 7 votos; Edgard (Confiança) — 2; Vidal (Sergipe) — 1; Zairir (Confiança) — 1; Mário (Estanciano) — 1; Quarto Zagueiro — Vidal (Sergipe) — 9 votos; Redival (Cotinguiba) — 3; Lateral Esquerdo — Amorim (Confiança) — 12 votos — unanimidade. Médio Volante — Hélio Abacate (Confiança) — 8 votos; Jurandir (Confiança) — 3; Zé Pequeno (Propria) — 1; Meia Esquerda — Natinho (Confiança) — 4 votos; Zé Pequeno (Propria) — 1; Meia Esquerda — Natinho (Confiança) — 4 votos; Zé Pequeno (Propria) — 3; Carlos (Cotinguiba) — 3; Zé Pequeno (Propria) — 1; Ponta

Imagem cedida pelo Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

lino (Sergipe) — 4; Ponta Direita — Beto (Confiança) — 2; Jorgival (Propria) — 8 votos; Beto (Confiança) — 1; Centro Avançado — Mirobaldo (Olimpico) — 4 votos; Miro (Propria) — 4; Maromba (Propria) — 2; Bobô (América) — 1; Luiz Manoel (Confiança) — 1; Ponta Esquerda — Motinha (Confiança) 7 votos; Tequino (América) — 2; Amarelhinho (Sergipe) 2; Mirobaldo (Olimpico) 1.



EDITORIA

A decisão da manchete principal e das chamadas para a 1ª página do *Diário de Aracaju* era atribuição do editor Luiz Eduardo, a quem competia “fechar o jornal”, conforme o material já entregue ou ainda em redação. Tudo transcorria de forma democrática, sem atropelos, discussões ou controvérsias. O consenso silencioso da redação levava ao “imprima-se”, tudo entremeado por muita algazarra misturada ao bater dos teclados das máquinas de escrever e as conversas dos que à noite participavam da finalização do jornal.

Com seu novo sistema de linotipia e com uma moderna máquina automática de impressão o *Diário de Aracaju* foi recebido como uma novidade e, com a qualidade do trabalho dos que nele trabalhavam, marcou, com categoria e ênfase, uma fase de inovação no jornalismo de Sergipe.

Conheci, dirigi, respirei *Diário de Aracaju*, da fase de implantação à conquista do mercado publicitário pela mídia impressa, à consolidação de um jornal mais moderno e dinâmico, enquanto versátil e cheio de variedades... vivi, ainda como seu diretor-executivo, os reflexos dos tropeços do Condomínio Diários e Emissoras Associados no começo do declínio mais do poderoso império jornalístico do Brasil...

Depois que retornei às minhas atividades no Banco do Brasil, o *Diário de Aracaju* continuou circulando por mais alguns anos, mas aí é história para ser contada pelos que lá ficaram até a sua extinção. **C**

Poesias

Gilson Sousa

Gilson Sousa nasceu em Aracaju. É graduado em Jornalismo e também Letras Português/Espanhol. Mestrado em Comunicação, na Universidade Federal de Sergipe. Autor dos livros de poemas 'Cartas para longe' e 'Mundo curto', e do livro-reportagem 'Quadrilha junina Século XX – 52 anos de vitórias'. Organizou a coletânea de poemas e crônicas de Cleomar Brandi, "Coioote sutil". Já publicou reportagens, ensaios e crônicas em vários jornais de Sergipe. Atualmente desenvolve o projeto 'A história do jornalismo em Sergipe contada por 20 profissionais que atravessaram séculos', a ser lançado em livro até o final deste ano.



CRIA

Criei meu filho cantando
o mundo não lhe negou espaço.
A porta e a janela abertas
os braços, os olhos, a percepção.
Um mundo a cada dia.
Gotas de universo lhe cercando
E se alguém ainda pensa
em recorrer ao rumo dos ventos
para sustentar criação,
faz-se necessário dizer
que o alimento da vida nasce,
permanece, mas sublimina no chão.
O canto é a força do tempo
e o filho bem sabe disso.
Alento, ilusão, convencimento.
Uma boa cria nunca sucumbe
aos caprichos de qualquer
tormento.

ESPERANÇA

À espera que o amor
faça algo por mim
construa pontes
indique fontes
sem pressa de secar.
O amor é parceiro da vida
um espelho que agrada
uma estrada espalhada
com idas e vindas lascivas.
Por isso tanta polidez
tanta sensatez
nessa espera
que um dia finda.

BUSCA

Faço círculos em mim
com a intensidade do vento
para esticar o mundo.
Em ti navego.
Sentido único, mas
como notívago
vivo espantando sonhos.
O que importa é chegar.
Por isso miro tanto
fazendo círculos em mim
porque em ti
sei onde buscar
o pedaço que falta
para retesar meu universo.

LAPIDAÇÃO

Encontrei a pedra bruta
faltava-lhe desígnios,
mas consegui amansar o
sentimento.
Não era só fechar os olhos
e desencadear
perplexidades
que só a natureza pode
lapidar.

Era atinar você.
Trazer para o centro da
fonte
uma peleja que muito nos
interessa.

Por isso cedi tanto espaço
Para que seu estado
natural
encontre em mim
a desenvoltura do acaso.

MIRAGEM

Palavra maturada
Ainda hoje chego lá.
Quero brincar com o tempo
Chamar meu filho de vovô
Considerar a vida
Mesmo que para isso
Precisemos atravessar o
obscuro.
Ainda hoje ganho forças.
Calcado em ideias
presentes
Como timoneiro
presunçoso
Que se atira num mar de
palavras
Sabendo que a hora
Nunca marca data para
começar.

O APRENDIZ

Vou sempre fazendo
como faz minha mãe.
Caminho da semelhança,
abraço no tempo
que idealiza e garante forma
a um amor que se perpetua.
Estou na sua estrada, mãe,
carregador de vantagens
determinantes para um aprendiz
que pensa com o coração.
E mesmo quando a poesia
invadir intencionalmente
nosso alimento diário,
estarei à disposição da sua
caminhada,
remanejando sonhos,
redimensionando contentamentos,
para mostrar por aí
o quanto aprendemos com o mundo
mesmo ignorando as pegadas.

CANÇÃO

Que essa canção lhe seja leve,
que lhe transporte para onde
houver harmonia
Seu dia amanhecido
seja ponte para uma conquista
e uma pista pavimentando alegria.
Que essa canção lhe seja plena,
que lhe aponte uma face sem
transtorno
Assim a jornada lhe cairá bem,
abrindo portas, decifrando
passagens
deixando para trás qualquer
pensamento sem contorno.
Que a vida lhe seja leve e plena.

Sei muito o que é a vida": a biografia de Leandro Maciel

Samuel Albuquerque

Capela de Santana do Massacará, Carmópolis, 15 de julho de 1984. Naquela manhã de domingo, familiares, amigos e admiradores despediam-se de Leandro Maynard Maciel, ex-governador e uma das figuras políticas mais marcantes da história de Sergipe. Com complicações cardíacas, Leandro falecera no dia anterior, em Aracaju, aos 87 anos. Atento às "manifestações respeitadas e sentidas" da ocasião, estava o historiador Ibarê Dantas, autor de *O Tenentismo de Sergipe* (1974) e da *Revolução de 1930 em Sergipe* (1983), que, trinta e três anos mais tarde, na condição de intelectual consagrado, publicaria a biografia política do líder udenista, o doutor "Liandro", como muitos ainda a ele se referem.

O lançamento do livro *Leandro Maynard Maciel na política do século XX* foi bastante concorrido e reuniu intelectuais, políticos (entre eles o governador Jackson Barreto), familiares e amigos do autor e do biografado, na tarde/noite de 06 de dezembro de 2017, no Museu da Gente Sergipana.

O aguardado livro apareceu robusto, sóbrio e discreto em sua aparência. Na capa, predominam tons de cinza, branco e preto, valorizando a fotografia do biografado, que se destaca. A profundidade do olhar sob as farras sobranceiras de Leandro Maciel (com cerca de 60 anos) dá a impressão de que estamos sendo observados e de que a biografia do observador tem muito a revelar.





O ótimo projeto gráfico é similar ao do livro *Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel (1825/1909): O patriarca do Serra Negra e a política oitocentista em Sergipe* (2009), dando uma ideia de continuidade entre a biografia do pai e do filho. Aliás, é bastante recomendável a leitura do livro de 2009, para que se tenha uma clara ideia de como a família Maciel esteve ativa na militância política, desde as primeiras décadas do século XIX até os anos setenta do século XX – começando pelo patriarca Antônio Luiz de Araújo Maciel (1797/1850), passando por seu filho Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel (1825/1909) e chegando ao seu neto Leandro Maynard Maciel (1897-1984).

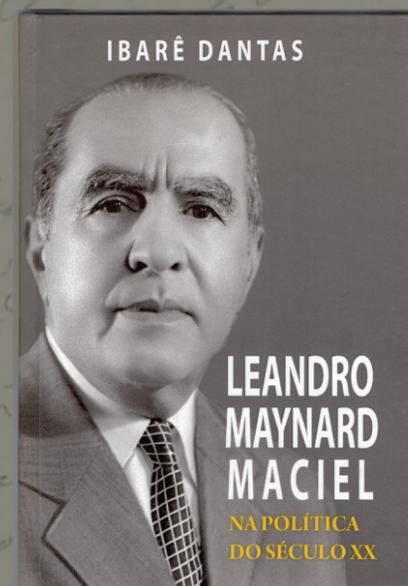
Dantas, usando sua reconhecida capacidade de síntese, expõe o tema da obra: “Este livro ocupa-se de um líder que atuou por cerca de quatro décadas na política de Sergipe com incursões na esfera nacional,

despertando sentimentos contraditórios” (Dantas, 2017: 11).

O testemunho da longa e esparsa pesquisa sobre Leandro, iniciada em fins da década de 1980, é um elemento enriquecedor e de grande valia para os que militam na História. O “desafio biográfico” (como diria François Dosse), somado aos desafios da boa pesquisa histórica, exigem muita dedicação e obstinação. Nesse sentido, registrou o nosso historiador: “Tratando-se de um homem público polêmico, idolatrado e detestado, que se manteve em largo período no centro de ocorrências políticas variadas, como secretário de Estado, deputado federal, governador, candidato a vice-presidente da República, senador e líder partidário reverenciado e criticado, o projeto de biografá-lo apresentou-se como um grande desafio” (Dantas, 2017: 11-12).

O amplo recorte temporal exige poder de síntese e erudição, virtudes que ca-

racterizam a obra. Sem considerar o primeiro capítulo, que dá conta da ascendência de Leandro Maciel, o livro se debruça sobre os momentos mais marcantes de uma trajetória de 87 anos, iniciada em 1897 e finda em 1984. Não por acaso, o autor considerou que a maturidade intelectual e a intimidade com as fontes concorreram positivamente para sua tarefa: “[...] beneficiei-me da experiência de mais de 40 anos de pesquisa, quando juntei um acervo razoável, inclusive com mais de trinta depoimentos com informações relevantes sobre o biografado. Ademais, as anotações de jornais, livros, revistas e documentos outros em arquivos de Sergipe, da Bahia e do Rio de Janeiro, bem como minhas reflexões já publicadas em artigos e livros, ajudavam-me, mas não me pareciam suficientes. A doação de cópia de grande parte do arquivo pessoal do biografado, que estava sob a guarda da filha Annete Maciel, me



Capa do livro



Leandro Maciel, no centro



O escritor Ibarê Dantas e o articulista Samuel Albuquerque



proporcionou mais animação pela rica documentação, destacando-se as correspondências reveladoras de sua personalidade e de sua forma de pensar ao longo dos anos” (Dantas, 2017: 13).

Grita aos olhos a obstinada busca pela neutralidade, prática que orienta o autor em sua narrativa e interpretação dos fatos que marcaram a vida de Leandro. Sintomático disso é a seguinte conclusão (tratando da primeira eleição do líder ude-nista para governador de Sergipe): “Era mais uma ilustração da política cinzenta, sob a qual muitas práticas ilegais aconteciam envolvendo várias instituições” (Dantas, 2017: 189). De fato, como bem assinalou Dantas, Leandro não cabe em rótulos simplificadores.

Das variadas e abundantes fontes que lastreiam o livro, as cartas destinadas pelo biografado aos seus familiares são riquíssimas em dados que podem ser, ainda, explorados por historiadores interessados na intimidade das grandes figuras políticas. É tocante, por exemplo, a carta do menino Leandro para sua mãe, à época no colégio interno em Salvador (o Marista), nos idos de 1911. Na bela missiva, o acanhado menino pedia: “Dirija ao céu uma prece para que Deus me ajude nas minhas provas” (Dantas, 2017: 31-32). Também chama atenção, por revelar muito da personalidade do moço Leandro, a carta enviada à noiva Marina, em 22 de fevereiro de 1924. É nela que o queixoso noivo registra: “Sei muito o que é a vida!”.

O livro é pleno de surpresas ao curioso leitor das coisas sergipanas. Prendeu minha atenção, por exemplo, a descrição do aniversário de 11 anos do menino Leandro, em 1908, no engenho Entre Rios, em

Rosário do Catete. Além de missa cantada, com benção de “uma rica imagem da Conceição”, e apresentação da banda de música da vila do Rosário, “aconteceram diversões agradáveis sob acordes de piano”, jantar ao cair da tarde, discursos e danças. “Leandrito, alvo de deferências, recitou poema do poeta, jornalista e professor Brício Cardoso” (Dantas, 2017: 28-29). A festa representou uma espécie de “batismo” do menino de engenho que, naquela ocasião, era apresentado e nascia para a “boa sociedade” da Cotinguiba. Penso, aliás, que a festa de aniversário do filho caçula, no qual depositava tantas expectativas, foi a derradeira (e certa) cartada política do velho Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel.

O movimentado cotidiano do “sítio do doutor Liandro”, na Rua Dom Bosco, é, também, digno de nota, sobretudo quando comparado com o quadro melancólico descrito, posteriormente, no depoimento do escritor Paulo Fernando Teles Morais, que visitou e entrevistou Leandro no decurso dos anos setenta. Se, nos tempos áureos do leandrismo, “a varanda da casa do líder tornava-se pequena para comportar tanta gente” e “os menos graduados costumavam ficar recostados na balaustrada, escutando, ou debaixo das árvores frondosas mais próximas da casa, formando rodas próprias”, fazendo do local um “ponto de encontro para informação acerca das novidades, tratativas, combinações, acertos, projetos, pactos, focas, conchavos, discussões e reverências” (Dantas, 2017: 145), na fase do ostracismo,

“[Leandro] estava praticamente sozinho, que é assim que ficam os que rolam ladeira abaixo. Apenas sua esposa, Dona Marina, e um correligionário, Benjamim Fernandes Fontes, faziam-lhe companhia no velório. Dialogamos civilizadamente. Reconhecia a derrota. A política era aquilo mesmo: ganhava-se e perdia-se” (Morais in Dantas, 2017: 328).

Na boa companhia do sociólogo Max Weber, nas laudas derradeiras do livro, Dantas recapitula e trajetória de Leandro e conclui que “é possível encontrar quem tenha permanecido tanto tempo na política estadual. Houve quem governasse o Estado mais vezes e exercesse mandatos parlamentares por mais tempo, mas raramente alguém encarnou a figura do líder com mais força e determinação. Da República Velha à República dos Militares, fez da política a grande atividade de sua vida, atuando e despertando vocações” (Dantas, 2017: 366).

Percorridas as mais de quatrocentas páginas do livro, o leitor dotado de alguma sensibilidade concluirá que há um nítido caráter pedagógico na biografia de Leandro Maciel. Ela nos ensina que viver é resistir sempre, ganhando ou perdendo. Enquanto há vida, há luta!

Certamente, a iniciativa de Ibarê Dantas contribuirá para que Leandro, mesmo morto, dribla o esquecimento, faça-se vivo entre os leitores de uma obra que, certamente, terá lugar de destaque na biblioteca sergipana. Na batalha da memória, Leandro saiu vitorioso! 

tertuliano azevedo:

vivendo em tempos sombrios

João Augusto Gama

A multidão estava concentrada na Praça Fausto Cardoso, em frente ao Palácio Olímpio Campos. Os ânimos acirrados. As notícias desencontradas. Um sentimento de frustração e impotência aparecia nas fisionomias, na sua maioria pessoas do povo que acreditavam nas reformas de Jango. Os boatos se sucediam rapidamente. Chegou a informação que a sexta região milita, em Salvador, determinara a repressão da manifestação de apoio ao governo que estava sendo deposto. Na mesma praça, quando da morte de Getúlio Vargas, dez anos antes, o vereador da UDN Lídio Paixão fora linchado pela multidão ensandecida.

O Jovem delegado do trabalho Tertuliano Azevedo, de 33 anos, temendo uma tragédia, toma a Bandeira do Brasil e convoca a multidão para segui-lo, levando-a para o Clube do Trabalhador.

Ao chegar em casa, pela tarde, Tertuliano Azevedo, é preso e levado para 28º Batalhão de Caçadores. Logo em seguida é solto por interferência do vice-governador Celso Carvalho e do presidente do tribunal de justiça Belmiro da Silveira Góis.

Tinha início a maior repressão da História do Brasil. Nem a queda do Império em 1889 provocou tanto ódio, tanto rancor. A revolução de 1930 provocou, pontualmente, muitas perseguições, como na Paraíba, repercutindo ainda o assassinato de João Pessoa, presidente do estado,

Tertuliano Azevedo foi o primeiro preso político em Sergipe no **golpe militar** de 01 de abril de **1964**.



em um soterterio do Recife, cometido por João Dantas, seu desafeto político. O golpe de 1964, postergado desde 1954, instaurou o medo, a tortura e o terror como política de estado.

Nos primeiros dias de abril de 1964, Tertuliano volta ao cárcere. Diversas prisões são efetuadas em Sergipe. O Governador Seixas Dórea é preso e enviado para Salvador, sendo em seguida transferido para Fernando de Noronha onde encontra preso o governador Miguel Arraes, de Pernambuco. São presos e recolhidos ao 28º batalhão de caçadores: José Rosa de Oliveira Neto, chefe da casa civil do governador Seixas Dórea, Geraldo Sampaio Maia, prefeito de Propriá, Cleto Maia, deputado estadual, Ariosvaldo Figueiredo, Celso Viana de Assis, Alexandre Diniz, Oziel Dórea, Chico Varela, Viana de Assis, Clodoaldo Alencar Filho, Osvaldo Catan, José Figueiredo, prefeito da Capela, Marcilon Pacheco, Marcos Mutti, Luiz Antonio Barreto, Wellington Mangueira, Pascoal Nabuco, prefeito da Estância, Renato Chagas, Adalberto Carvalho que seria o último presidente eleito da União Es-

tadual dos Estudantes de Sergipe-UEES, Edgar Barbeiro, Gilberto Burguesia. No seu livro "Tertuliano, vida, sonhos e lutas", na página 92 ele nos conta: "Na mesma ocasião (em que ele, Tertuliano foi preso) foi preso o ex-prefeito de Aracaju João Augusto Gama, na época menor de idade, que foi solto imediatamente quando declarou a sua idade". Tertuliano ficou preso 50 dias.

Tertuliano Azevedo nasceu em Vila Nova, hoje, Neópolis, em 17 de setembro de 1930, filho de Anísio Azevedo e dona Joca, poucos dias antes da revolução de 1930 que levou Getúlio Vargas ao poder, encerrando o ciclo histórico da república velha. Iniciou seus estudos em Neópolis, depois Penedo, em Alagoas e, finalmente em Aracaju, onde concluiu o curso primário no Colégio Tobias Barreto, do professor Zezinho Cardoso, em 1942. Fez o ginásio no Tobias Barreto e o clássico no Ateneu.

Do Ateneu, envolvido nas lutas estudantis, Tertuliano terminou sendo expulso. Cidade pequena, ficou marcado. Resolve dar um tempo. Vai para o Rio de Janeiro tentar a vida.



Pouco dinheiro, tudo é difícil. Encontra algum apoio em parentes. Frequenta casa de Graco Cardoso, tio de sua mãe, ex-presidente do estado e deputado federal, onde "fila a boia", dos domingos. Estuda, trabalha, namora, mas termina voltando para Sergipe, atendendo aos pedidos de dona Joca, sua mãe.

Em Sergipe recomeça a vida. Consegue entrar nos quadros funcionais dos Correios, logo em seguida é aprovado em concurso naquela repartição federal. Forma-se em direito pela Faculdade de Direito de Sergipe em 1956. Apaixona-se por Bernadete Fontes, bonita moça de Boquim, filha de dona Gilete e "seu" Lozinho, com quem casa em 1955. O casal teve cinco filhas Sônia, Silvania, Susana, Selma e Simone. Simone nasce no Rio Janeiro para onde Tertuliano foi obrigado pelo militares a morar, em 1965.

Aprovado em concurso público para inspetor do trabalho em 1955 não consegue tomar posse. É preciso viajar para o Rio e, por interferência do deputado federal Orlando Dantas, toma posse no próprio ministério e retorna para Sergipe, ficando lotado na delegacia regional do Trabalho, sendo delegado Emílio Gentil, a quem ele sucede em 1963, por indicação do governador Seixas Dórea.



Prestando Juramento como presidente do TCE

Saindo da prisão em 1964, Tertuliano luta para manter sua vida dentro da normalidade. Estabelece uma rotina de vida. Advoga, estuda, lê. Frequenta o Caacique Chá, local da boemia, de encontro de intelectuais da terra. Pontifica em suas mesas. São tempos difíceis. De total insegurança.

Perseguido, Tertuliano não esmorece. Entende que a ditadura militar veio para ficar.

Em 1965, sendo preso pela terceira vez, Tertuliano concorda em se mudar para o Rio de Janeiro, onde ficará até o início da década de 70. Passei a frequentar sua casa no Flamengo, na Rua Machado de Assis, aberta aos sergipanos. Havia sempre uma feijoada aos sábados. Lembrome que pensando em morar no Rio falei com Tertuliano que através de seu sócio no escritório de advocacia, Xavier Branco, me conseguiu um emprego no Banco Frances e Brasileiro. Não assumi e retornei à Sergipe.

As eleições de 1970 foram uma tragédia para o MDB sergipano. Oviêdo Teixeira candidato ao senado perdeu a eleição. Zé Carlos Teixeira não se reelege, não consegue atingir o quociente partidário, mesmo tendo sido o candidato mais votado do estado. Na semana que antecedeu o pleito a polícia federal fez prisões no estado, dispersando e intimidando lideranças.

Em 1974, na eleição em que Gilvan Rocha venceu Leandro Maciel na eleição para o senado, Tertuliano teve uma participação decisiva, tanto nas articulações que levaram a escolha de Gilvan como candidato, como na montagem da própria campanha e na apuração da eleição. Na televisão, foi o primeiro programa eleitoral em Sergipe feito por profissionais. O MDB surpreendeu. Tarcísio e

Luiz Teixeira contrataram uma empresa de publicidade para fazer o programa de televisão do partido. Denise, apresentadora do programa do MDB, fez a diferença. Quando a Arena se deu conta o prejuízo estava criado. Havia a inegável superioridade do candidato do MDB. Talento. Juventude. O candidato Leandro Maciel encarnava a própria decadência. Uma vitória belíssima.

Em 1978, a eleição para o senado foi muito difícil. O regime militar altera brutalmente a regra das eleições. Surge uma excrescência, a figura do “senador biônico” que seria eleito pelas assembleias estaduais. Não satisfeito o regime militar cria a famosa sublegenda para a outra vaga para o senado. Na sublegenda poderia haver diversos candidatos ao cargo de senador em cada legenda. Ganharia a legenda com maior número de votos, sendo eleito o mais votado da legenda. Os demais seriam suplentes. O MDB apresentou Zé Carlos Teixeira que perdeu. Tertuliano candidatou-se a deputado federal pelo MDB e me pediu para assumir as finanças de sua campanha. Tive muito orgulho em poder colaborar com a sua eleição. Depois do pleito, fomos agradecer juntos aos amigos que colaboraram. Foram muitos, Tarcísio e Luiz Teixeira, Jose Lauro Menezes Silva, Osmário Vilanova, Fernando Nunes, Fernando Porto, Jaime Araújo.

Depois da sua eleição para deputado federal, Tertuliano resolve sair da sociedade de advocacia que tinha com Jaime Araújo para se dedicar inteiramente a sua atividade parlamentar. O escritório era próspero. Muitas questões de indenização no baixo São Francisco. Combinam fazer a partilha do escritório. Ficou acertado que Tarcísio Teixeira representaria os



Tertuliano recebendo Condecoração da PMA

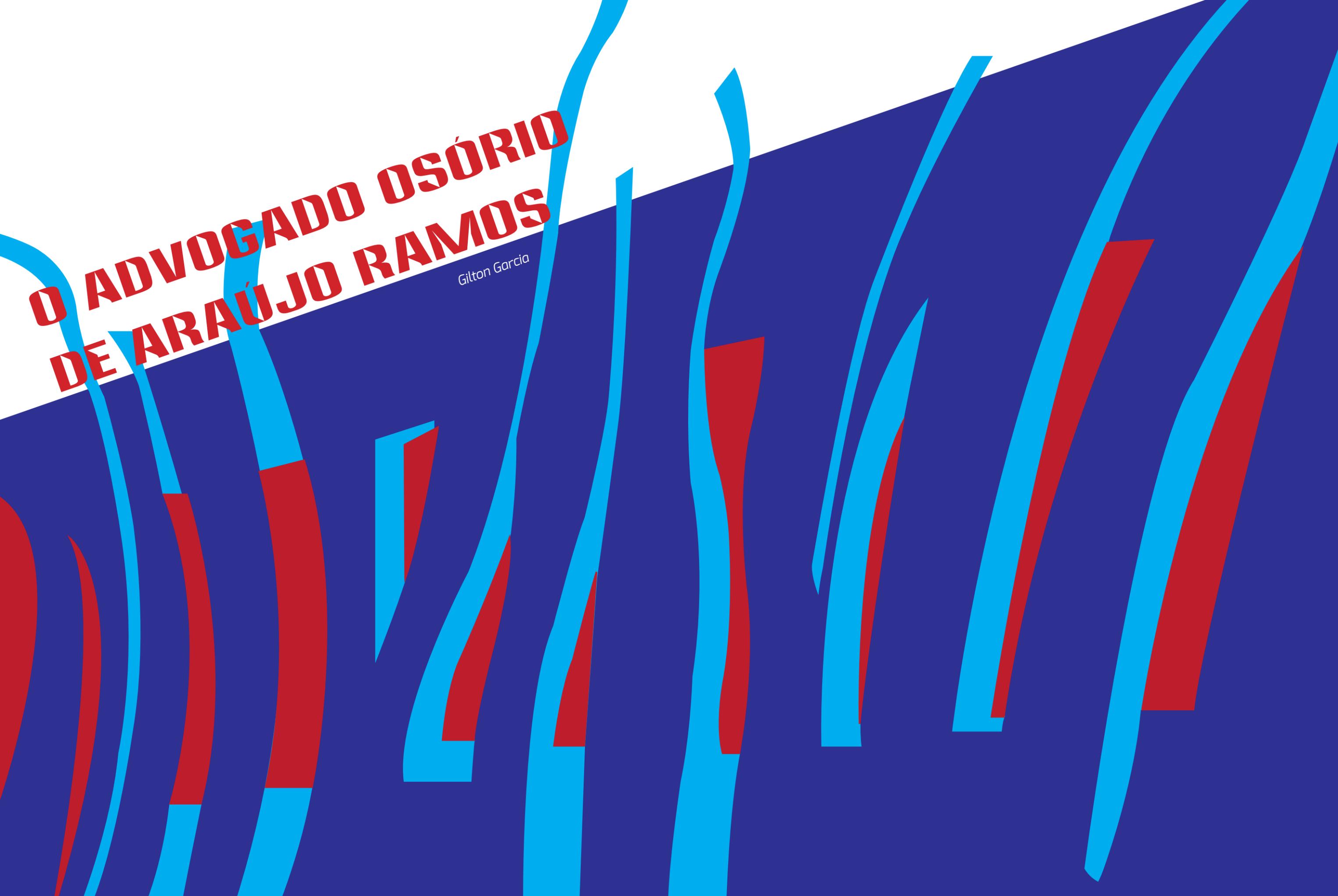


interesses de Jaime Araújo e eu os de Tertuliano Azevedo, Nunca uma partilha fora feita com tanta elegância. Não houve o menor conflito. Os ex-sócios continuaram grandes amigos.

A história do MDB/PMDB em Sergipe se confunde com a vida de Tertuliano Azevedo. Tendo sido seu presidente, Tertuliano foi também seu deputado federal, juntamente com Jackson Barreto.

Terminado o seu mandato de deputado federal, exercido com honradez e competência, Tertuliano retornou a Sergipe. Foi secretário de estado e depois conselheiro do tribunal de contas de Sergipe, onde se aposentou em 2000.

Tertuliano Azevedo faleceu em 2015, antes de completar 85 anos de idade. Uma vida exemplar. **C**



**O ADVOGADO OSÓRIO
DE ARAÚJO RAMOS**

Gilton Garcia

Vou me reservar de comentar, amiúde, o exercício da judicatura do Dr. Osório de Araújo Ramos. Pouca convivência tive com ele à época em que foi Juiz de Direito, aliás, sempre por todos reconhecido como um magistrado íntegro e ético. “O Juiz não é nomeado para fazer favor com a justiça, mas para julgar segundo as leis”, afirmava Platão em Apologia de Sócrates. Esse era o norte, o rumo do Dr. Osório.

Vou traçar o seu perfil, preferencialmente, como advogado e dirigente da OAB/SE. Acentuo que militamos muito próximos. Houve uma convivência contínua e duradora. Recordo que o Dr. Osório foi um dos incentivadores da minha candidatura a Presidência da OAB em 1974, cinco anos após eu ter sido cassado pelo AI-5, sem direito a esboçar o mínimo gesto de defesa. Justo nesse momento angustiante e por demais difícil, os advogados elegeram-me e reelegeram-me Presidente do seu Órgão de classe, na sucessão do advogado e amigo Osmario Vila Nova de Carvalho. De igual forma o Dr. Osório foi eleito Tesoureiro da nossa Seccional, contador exímio que era.

Trabalhamos em sintonia, sempre na vanguarda da linha de pensamento expressado pelos advogados brasileiros. Ao lado do renomado escritor e advogado Raymundo Faoro, então Presidente do Conselho Federal da OAB, pugnamos pelo restabelecimento do Estado de Direito, pelas liberdades públicas e a observância dos direitos humanos.

Fomos partícipes de todos os Congressos Nacionais da OAB e signatários de cartas que reivindicavam o retorno do país ao regime democrático. Em Aracaju, formatamos diversos Seminários Jurídicos, numa época em que os grandes juristas brasileiros eram conhecidos apenas através dos livros e revistas especializadas. Recordo, dentre outros, da presença de Aliomar Baleiro, Caio Mário Pereira, Djacyr Falcão, Célio Borja, Bernardo Cabral, Sergio Bermudes, Seabra Fagundes.

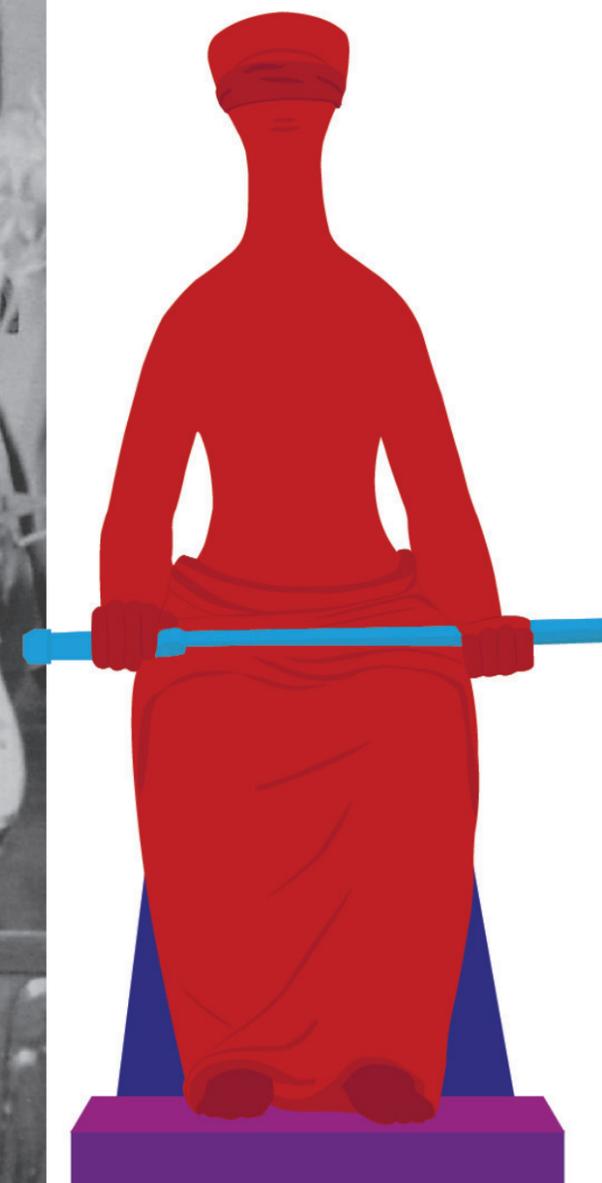
À época, Osório já consciente do seu novo papel profissional, arguia vez por outra que o Estatuto da OAB dispunha que não há hierarquia nem subordinação entre advogado, magistrado e membros do Ministério Público. Aflorando mais uma vez o seu caráter independente.

No passado, seus ideais consolidaram a amizade com os meus tios Carlos e Robério Garcia. Com relação ao meu pai, Luiz Garcia, sempre repetia emocionado o fato dele ter ido como Governador do Estado de Sergipe, empossá-lo como Juiz de Direito da Comarca de Lagarto.

Fato incontroverso foi que ele exerceu a magistratura em época conturbada e já distante. Prova disso é que Pascoal Nabuco, magistrado probo e talentoso, em sua obra *Visão Política de Sergipe*, acentua, logo de início: “Diziam as velhas raposas da política mineira que governar se resumia em quatro coisas: nomear e demitir, prender e soltar”. Referia-se, no todo, “ao patrimonialismo herdado dos nossos colonizadores, que ensinaram a não se fazer diferença entre o público e o privado”.



Posse na Comarca de Lagarto - Se com a presença do Gov. Luiz Garcia





Dr. Osório



Prestando juramento na formatura



Recebendo anel de formatura da esposa Abigail Ramos

Juramento

Prometemos, no exercício de nossa profissão, acreditar no Direito como a melhor forma para a convivência humana, fazendo da justiça o meio de combater a violência e de socorrer os que dela precisarem, servindo a todo ser humano, sem qualquer distinção, buscando a paz como resultado final. E, acima de tudo, juramos defender a liberdade, pois sem ela não há direito que sobreviva, justiça que se fortaleça e nem paz que se concretize.

Para se entender melhor o período assinalado, cito também o historiador e cientista político Ibarê Dantas, diante de sua aplaudida e densa obra *Leandro Maynard Maciel na Política do século XX*. Nela se contém um retrato nítido da época turbulenta vivida pelo então Juiz de Direito, Osório de Araújo Ramos.

No campo da OAB/SE criamos juntos o Órgão Informativo da Entidade, denominada JORNALEX. Osório foi escolhido Redator Chefe. O Conselho Redacional era composto pelos advogados José Augusto de Azeredo Lobão, Geny Rodrigues Shuster, Vladimir de Souza Carvalho, José Anderson Nascimento, Theobaldo Eloi de Carvalho e José Luiz Melo. O JORNALEX noticiava o que era de interesse da classe, sob o olhar atento, crítico e perspicaz do advogado Osório de Araújo Ramos.

Colaboravam conosco advogados conceituados como José Rosa de Oliveira Neto e Otavio Dantas. Surgiu então a ideia inovadora da criação da CAESE (Caixa de Assistência dos Advogados de Sergipe). O seu primeiro Presidente foi o Dr. Osório de Araújo Ramos.

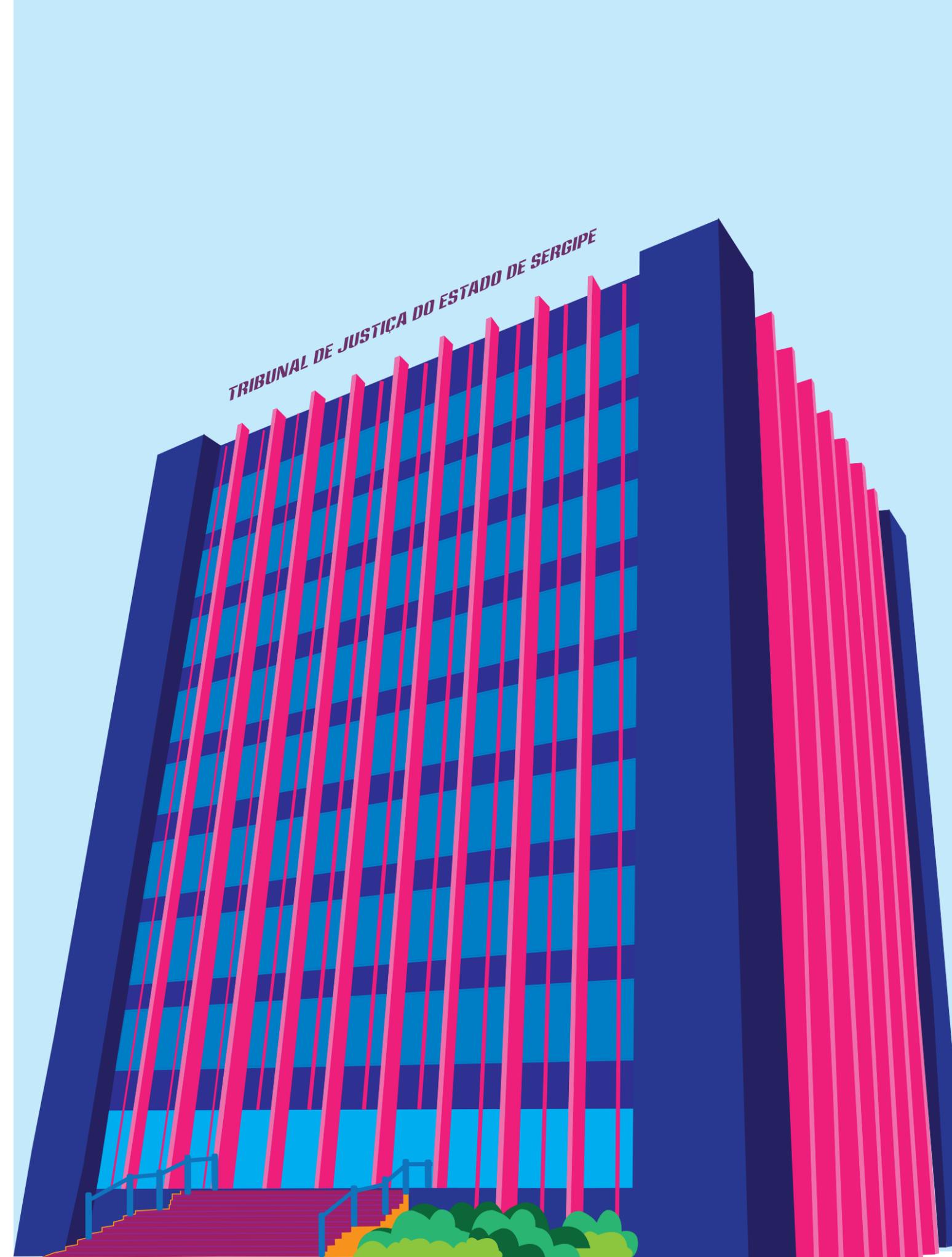
Ao término do meu segundo mandato, Osório foi lançado candidato a Presidente da OAB/SE, sendo eleito com votação expressiva. Esmerou-se nesse mister, administrando nossa Entidade com a seriedade e a competência que lhe são inerentes. Requisitos, aliás, que nortearam sua missão como magistrado e advogado.

Posso dizer que o Dr. Osório me considerava como um filho. Claro, além dos seus próprios, Osires, Origenes, Osório e Omar e ainda Ádria e Aglaé. Revelo que certa vez fui convidado a saborear uma maniçoba no sítio que ele possuía em Estância. O sítio se chamava Rincão Beleza, onde D. Abgail, esposa do Dr. Osório, me proporcionou ao lado de sua família, um lauto almoço, até hoje presente na minha memória.

O seu falecimento ocorreu no ano de 1986. Na época eu exercia o mandato de Deputado Federal. Vim de Brasília, acompanhado do seu filho Origenes, assistir consternado ao seu sepultamento.

Dr. Osório teve a oportunidade de assistir ao seu outro filho, com o mesmo nome dele, exercer a judicatura, mas não teve a felicidade e orgulho de vê-lo Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe, doze anos depois, em 2008. Os dois Osórios, pai e filho, se irmãos fossem, seriam considerados gêmeos, tal a semelhança. A mesma lhanesa no trato, os mesmos princípios de lisura e honestidade, enfim, a mesma preocupação com o modo correto de proceder.

Evocar a figura emblemática do Dr. Osório de Araújo Ramos no ano do seu Centenário é reviver momentos preciosos que juntos desfrutamos. E, também, a oportunidade que terão as novas gerações de conhecer com mais profundidade as suas qualidades de ser humano e de homem público. **C**



A REVISTA CUMBUCA ESTÁ DISPONÍVEL

EM FORMATO DIGITAL.

ACESSE GRATUITAMENTE O NOSSO CONTEÚDO ONLINE!

